

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Giullia Elizabeth Santos de Lima Marques

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS AULAS COLETIVAS DOS
PROFESSORES DE DANÇA AUTÔNOMOS DE JOÃO PESSOA-PB

JOÃO PESSOA - PB

2025

Giullia Elizabeth Santos de Lima Marques

**IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS AULAS COLETIVAS DOS
PROFESSORES DE DANÇA AUTÔNOMOS DE JOÃO PESSOA-PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Ially Rayssa Dias Moura, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Professor Doutor Iraquitan de Oliveira Caminha

JOÃO PESSOA – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M357i Marques, Giullia Elizabeth Santos de Lima.

Impactos da pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB / Giullia Elizabeth Santos de Lima Marques. - João Pessoa, 2025.
67 f.

Orientação : Iraquitã de Oliveira Caminha.
TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. COVID-19. 2. Dança. 3. Ensino de Dança. 4. Professores de Dança Autônomos. 5. Trabalho Autônomo. I. Caminha, Iraquitã de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 616.2

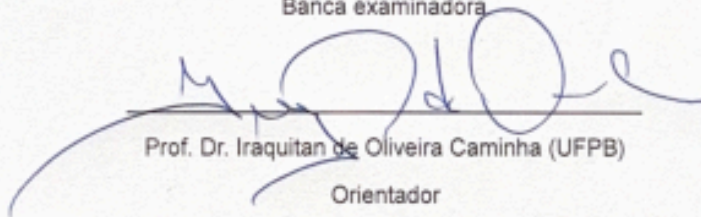
Giullia Elizabeth Santos de Lima Marques

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS AULAS COLETIVAS DOS
PROFESSORES DE DANÇA AUTÔNOMOS DE JOÃO PESSOA-PB

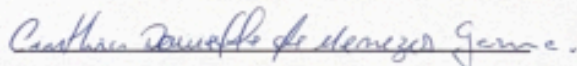
Trabalho de conclusão de curso apresentado
à disciplina Seminário de Monografia II,
ministrada pela Profa. Ially Rayssa Dias
Moura, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Educação
Física, no Departamento de Educação Física
da Universidade Federal da Paraíba.

Monografia aprovada em: 29/04/25

Banca examinadora

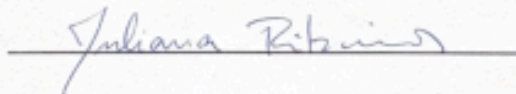


Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha (UFPB)
Orientador



Profa. Esp. Cinthia Danielle de Menezes Gama

Membro



Profa. Ma. Juliana Costa Ribeiro

Membro

JOÃO PESSOA – PB

2025

DEDICATÓRIA

Sem que eu percebesse, dediquei toda a minha graduação a entender o fenômeno da pandemia em minha e nossas vidas. Cheia de dores no coração, me percebi adoecida, não pela COVID-19, mas pela tristeza, pavor e isolamento que ela nos obrigou a vivenciar. Cinco anos depois, ao medo de esquecer, resisto e escrevo. Foi preciso olhar de frente para o trauma, muitas vezes com dificuldade de continuar, mas entendendo essa luta como necessária para documentar e registrar esses acontecimentos. Para que possamos lembrar de como sobrevivemos. E de quem estava conosco para somar. E a quem servia a nossa dor como formas de manipulação e domínio da sociedade. E das perdas inestimáveis que tivemos. Dedico essa obra a todas e todos que, infelizmente, não podem mais contar suas histórias. Nunca serão esquecidos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato potencializador. Desde que eu passei a entender mais a mim mesma, a minha intuição e minha espiritualidade, passei também a agradecer pela minha vida, minha arte, meus amores, Matheus, minha irmã, Giulliana, minha mãe, Nalva, pela minha família, meu povo, enfim, por quem zela e cuida de mim. Sou grata por estar viva e por ter tanto apoio. Sou grata por não ter desistido. Grata por Cinthia Gama existir e a nossa criação, a empresa AnimaDance, que surgiu durante a pandemia. Gratidão a mim mesma, minha espiritualidade e minha perseverança. Por nunca desistir de mim.

O período pandêmico foi extremamente desafiador e colocou muitas questões pessoais e profissionais em perspectiva. Estava prestes a iniciar o curso de Educação Física, cheia de sonhos e expectativas e, sem que fosse dada chance de refletir, tudo mudou e me vi sem rumo. A dança foi o refúgio da minha alma. Através do meu trabalho, permaneci ativa, mantive a mente esperançosa, na medida do que era possível, e movimentei meus pensamentos, quando o desespero tomava conta. Não foi a primeira e não será a última vez em que me senti grata pela dança. A dança muda e salva vidas.

Ao meu professor orientador, Iraquitán, agradeço por ser uma referência positiva na docência, junto com os professores e professoras Hosana, Isabelle, Dilma, Juliana, Ítalo, Luciano Klostermann (*in memoriam*), dentre outros. Ao senhor, em especial, por ter muita sensibilidade e empatia com todos os alunos e alunas e por ter tanta paciência comigo. Você marcou a minha formação e levarei seus ensinamentos comigo.

Durante a pandemia, participei do grupo “Saúde em tempos de pandemia”, promovido pelo senhor e, apesar das lacunas mentais que tenho desse período, foi daí que eu me encantei por sua forma de se comunicar em sala de aula. Já sabendo disso, mesmo com muitos receios de “reviver” as lembranças da pandemia, me permiti ter a experiência de me candidatar a extensionista-bolsista do projeto “Matizes do Corpo”, sendo acolhida e liderada pelo senhor. O projeto produziu um documentário com pessoas que tiveram experiências de quase morte com a COVID-19 e a vivência me impulsionou a realizar essa pesquisa sobre a temática, direcionando para a

minha área de trabalho. Ao seu lado, o processo de escrita de uma monografia foi ressignificado na minha vida, pois sinto que, dessa vez, fui orientada com atenção e de verdade. Muito obrigada!

Agradeço aos professores e professoras de dança de João Pessoa e, em especial, aqueles que participaram dessa pesquisa. São relatos muito fortes e corajosos de um período sombrio de nossas vidas. Não somos amparados, muitas vezes nem vistos com dignidade, por parte da sociedade, pelo governo e políticas públicas, mas o nosso amor pela dança sempre fala mais alto. Somos responsáveis por proporcionar momentos de felicidade, cuidado e atenção na vida dos nossos alunos e alunas e, quando isso acontece, percebemos a importância e o impacto que causamos na vida das pessoas. Gratidão por terem compartilhado conosco.

“Alavantú pra tu, anarriê pra eu
Tu no teu canto e eu dançando aqui no meu
Vontade voa e a saudade cria asa
Vai ter São João, mas cada qual na sua casa”

Música “Arraiá Virtuá” - Mastruz com Leite, 2020

RESUMO

A doença COVID-19 provocou uma profunda transformação no mundo e exigiu que professores e professoras de dança autônomas se adaptassem rapidamente às novas realidades. O objetivo geral do presente estudo foi analisar os impactos da Pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas de professoras e professores de dança autônomos de João Pessoa-PB. Buscou também identificar os desafios e adaptações enfrentados por esses profissionais durante o período pandêmico e descrever as principais mudanças no ensino da dança. A metodologia utilizada foi qualitativa, de natureza descritiva, com análise de conteúdo, defendida por Bardin, estruturada em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professoras e professores autônomos da cidade, utilizando a amostragem por saturação. Os resultados revelaram que esses profissionais sofreram impactos psicológicos, financeiros, físicos, dentre outros e passaram por barreiras físicas e virtuais, dificuldades técnicas e desvalorização da profissão, implementando adaptações como novas abordagens pedagógicas, busca por apoio e modificações metodológicas. As aulas coletivas de dança, independente da modalidade, sofreram reconfigurações na estrutura, duração e intensidade, com ampla utilização de recursos digitais e ampliação do repertório de comunicação. Contrariamente à expectativa de valorização, a pesquisa apontou desafios como evasão de alunos e a percepção da dança como atividade dispensável. Conclui-se que a pandemia impôs desafios consideráveis, impactando negativamente as condições de trabalho e o bem-estar dos professores, evidenciando a necessidade de maior apoio e valorização da profissão.

Palavras-chaves: COVID-19. Dança. Ensino de Dança. Professores de Dança Autônomos. Trabalho Autônomo.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic caused a profound transformation worldwide and demanded that autonomous dance teachers rapidly adapt to new realities. The general objective of the present study was to analyze the impacts of the COVID-19 Pandemic on group dance classes taught by autonomous dance teachers in João Pessoa, Paraíba, Brazil. It also sought to identify the challenges and adaptations faced by these professionals during the pandemic period and to describe the main changes in dance education. The methodology used was qualitative, descriptive in nature, with content analysis, as advocated by Bardin, structured in three phases: 1) pre-analysis; 2) exploration of the material, categorization or coding; 3) treatment of the results, inferences, and interpretation. Semi-structured interviews were conducted with autonomous dance teachers in the city, using saturation sampling. The results revealed that these professionals suffered psychological, financial, physical, and other impacts and experienced physical and virtual barriers, technical difficulties, and devaluation of the profession, implementing adaptations such as new pedagogical approaches, seeking support, and methodological modifications. Group dance classes, regardless of the modality, underwent reconfigurations in structure, duration, and intensity, with the widespread use of digital resources and the expansion of the communication repertoire. Contrary to the expectation of increased value, the research pointed to challenges such as student attrition and the perception of dance as a dispensable activity. It is concluded that the pandemic imposed considerable challenges, negatively impacting the working conditions and well-being of teachers, highlighting the need for greater support and appreciation of the profession.

Keywords: COVID-19. Dance. Dance Education. Autonomous Dance Teachers. Self-Employment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.2 Objetivos.....	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 Pandemia da COVID19 e mudanças sociais.....	15
2.2 Quem é a professora ou professor autônomo na dança?.....	17
2.3 A metodologia de aula de dança antes e durante a Pandemia da COVID-19..	18
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1 Caracterização da pesquisa.....	21
3.2 Participantes da pesquisa.....	21
3.3 Variáveis e instrumentos para a coleta de dados.....	22
3.4 Procedimentos para a coleta de dados.....	22
3.5 Análise dos dados.....	22
3.6 Aspectos éticos.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
4.1 Professores de Dança autônomos antes da pandemia.....	25
4.2 Impactos da pandemia nas aulas coletivas de dança: Desafios e Adaptações..	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS / APÊNDICES.....	61

INTRODUÇÃO

A doença COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia no dia 11 de março de 2020, obrigando a população ao recolhimento social e à priorização da saúde individual e coletiva. Nesse contexto urgente e atípico, além de aprender sobre os cuidados necessários para se proteger do vírus – frequentes lavagens das mãos, uso de máscaras e álcool em gel, distanciamento, dentre outros –, a sociedade também teve que se adaptar às novas rotinas no âmbito social e profissional.

Os impactos sentidos, os desafios e adaptações, não foram os mesmos para todos os países. Todas as regiões. Tampouco para todas as pessoas. Todas as culturas. Todas as profissões. A autora Helena Katz (2020), defende o uso do termo “crise sanitária de alcance internacional”, uma vez que o termo “pandemia” é incapaz de transmitir a ideia real do fenômeno vivido com a doença da COVID-19 no mundo, dando a falsa impressão de que é possível generalizar as experiências vivenciadas. Segundo Katz (2020, p. 118): “O tipo de dano que o vírus promove pode ser o mesmo, em termos clínicos, mas o modo como esse dano se manifesta se vincula ao particular de cada local.”.

Em João Pessoa, o estado de calamidade pública foi decretado em 20 de março de 2020, por meio do decreto estadual nº 40.134, conforme podemos ver em seu art. 1º: “[...] em razão da grave crise de saúde pública decorrente da pandemia do Coronavírus (COVID-19), e suas repercussões nas finanças públicas do Estado da Paraíba”. Mais a frente, meados de maio, determina-se a suspensão dos eventos culturais e esportivos, dentre outras medidas que foram recomendadas para conter a disseminação do vírus.

Dessa forma, com as pessoas em isolamento em suas casas e temendo pela sua própria vida e dos seus familiares, as atividades envolvendo dança em aulas coletivas presenciais também foram encerradas. Havia a proibição de aglomerações e o fechamento temporário (alguns casos, permanente) das academias e estúdios de dança, resultando em preocupações no trabalho, incertezas de futuro junto a essa impossibilidade de ministrar aulas presencialmente. Portanto, no universo da dança, a pandemia representou um momento de total reinvenção para os professores e professoras dessa arte.

Segundo Boaventura e Machado (2022), esse período foi particularmente desafiador para os professores de Dança das escolas municipais de educação básica, uma vez que havia muita incerteza sobre como conduzir os processos educativos, inclusive por parte da Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa (SEDUC).

Para os professores de dança autônomos, a situação se complicou ainda mais, pois já não existem normativas de condução das aulas por modalidade, cada profissional tem a liberdade de adotar a sua metodologia, seja na academia, em estúdios de dança, ou qualquer espaço em que ministravam suas aulas, tornando desafiador o entendimento de quais estratégias esses indivíduos adotaram para adaptação à nova realidade imposta.

As aulas de dança online eram uma opção pouco utilizada e a crença predominante era de que a imersão na atmosfera da sala de aula – com seus pisos e espelhos adequados, a presença física do professor ou professora, o calor humano, o bem-estar sentido, o suor compartilhado que impulsiona a socialização e a sinergia da turma, e a mistura contagiante de conversas, gritos, música e dinâmicas de contato e interação – eram elementos essenciais para o aprendizado da dança. Seria possível dar aulas dessa arte sem esses elementos?

As plataformas online se tornaram inimigas para uns e aliadas para outros nesse processo, pois, ao mesmo tempo em que se exigia dos professores o aprendizado de novas ferramentas tecnológicas, atualização sobre direitos autorais das músicas na internet e a adaptação de suas metodologias de ensino, também havia uma crescente busca por se manter ativo e cuidando do próprio bem-estar do mundo virtual, o qual concedia um leque de possibilidades para a transmissão remota de aulas, cursos, oficinas e workshops com captação de alunos no mundo inteiro, às vezes com capacidade ilimitada na sala, e a possibilidade de auferir renda sem sair de casa.

Diante desse cenário, surgiram diversos questionamentos sobre como dar continuidade às aulas de dança, como garantir a renda e a subsistência de si e de seus familiares e como manter os alunos engajados em um contexto tão desafiador. Considerando a relevância dessa temática para o campo da dança

e a escassez de pesquisas específicas sobre o impacto da pandemia nos profissionais autônomos da área, o presente estudo busca responder a essas inquietações e analisar quais os impactos da pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB.

Os resultados ajudarão não só a identificar os desafios e adaptações que os professores de dança precisaram enfrentar no período, através da percepção deles mesmos, mas também servir de orientação para elaboração de políticas públicas específicas para professores da área.

1.1 HIPÓTESES

- A. A pandemia da COVID-19 impôs desafios significativos à prática profissional dos professores de dança autônomos de João Pessoa - PB, exigindo adaptações em suas metodologias de ensino, relações com os alunos e modelos de negócio.
- B. A pandemia gerou impactos na saúde dos professores de dança autônomos de João Pessoa - PB e na precarização das condições de trabalho dos mesmos, devido à redução da renda, redução da demanda por aulas presenciais, à necessidade de investir em novas tecnologias e à incerteza em relação ao futuro da profissão.
- C. A pandemia gerou uma maior valorização da dança como atividade física que proporciona bem-estar e saúde mental, impulsionando a procura por aulas online e contribuindo para a diversificação do público e clientes dos professores de dança autônomos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Analisar quais os impactos da Pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB.

1.2.2 Específicos

Identificar os desafios e adaptações enfrentados pelos professores de dança na pandemia da COVID-19.

Descrever as principais mudanças no ensino de aulas coletivas dos professores de dança autônomos na pandemia da COVID-19.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura servirá como suporte teórico para a análise feita no presente estudo. A escolha dos tópicos que compõem esta seção foi pensada para facilitar o entendimento da pessoa leitora e, portanto, inicialmente, vamos compreender as mudanças sociais desencadeadas pela Pandemia da COVID-19, incluindo as mudanças na área da cultura, arte e dança. Em seguida, passaremos a entender quem é a professora e o professor autônomo na dança, como se dá a construção dessa carreira e como, muitas vezes, esses profissionais estão mais vulneráveis a mudanças e adaptações em situações de crise. Entendendo quem é o sujeito da pesquisa, fica mais fácil de compreender também as respostas dadas pelos participantes nas entrevistas. Por fim, temos o tópico das metodologias de aulas coletivas de dança, antes e durante a Pandemia da COVID-19, que permitirá identificar e comparar as mudanças nas práticas pedagógicas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB.

2.1 Pandemia da COVID19 e mudanças sociais

A pandemia de COVID-19 ou “crise sanitária de alcance internacional” (KATZ, 2020, p.124) causada pelo vírus SARS-CoV-2, representou um dos maiores desafios globais e locais do século XXI. Originada na China em 2019, a doença se espalhou rapidamente por todos os continentes, quando, em março de 2020, foi declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). De fato, a disseminação do vírus aconteceu de uma forma extremamente rápida e exigiu medidas sanitárias drásticas com isolamento social, lockdowns e restrições de viagens, impactando profundamente a vida de bilhões de pessoas em todo o mundo.

A crise sanitária desencadeou uma crise econômica global, com perdas significativas de empregos e um colapso em diversos setores da economia e cultura.

“Neste contexto, embora seja inquestionável a importância destas ações no controle da propagação da doença, foram muitos os impactos produzidos na sociedade, com repercussões diretas no trabalho e na renda das famílias, assim como na saúde física e mental dos indivíduos. A experiência de vivenciar uma pandemia e, por conseguinte, as dificuldades e incertezas decorrentes desta são

questões relevantes e refletem na saúde mental e bem-estar psicológico da população” (PASSINI *et al.*, p. 3, 2023).

A pandemia de COVID-19 amplificou as desigualdades sociais e econômicas existentes, especialmente em países de baixa e média renda. O acesso desigual na corrida pelas vacinas e tratamentos expôs, justamente, essas disparidades raciais e sociais, o que só evidencia ainda mais as profundas diferenças já existentes entre a população mais vulnerável e os grupos mais privilegiados.

Fica bem evidente que, ao desencadear uma crise sanitária de alcance internacional e provocar profundas transformações sociais, a pandemia impactou significativamente diversos setores, incluindo o setor cultural, mais especificamente, o da dança. Em João Pessoa, assim como em outras cidades brasileiras, as medidas de isolamento social e distanciamento físico impuseram restrições às atividades presenciais, afetando diretamente a rotina de professores de dança autônomos e seus alunos e alunas.

Quais os impactos para essas pessoas que viviam com rotinas ativas, dançando, livres, cheias de contato físico, mudanças de ritmos musicais e vivendo pela socialização? O mundo parou, nós paramos e as consequências foram sentidas. Marina Mendes Teixeira, professora de dança do ventre, traz um relato profundo e visceral das consequências do isolamento para ela:

“[...] moldaram meu tônus, interferindo e ferindo o estado deste corpo. A meu ver, esse estado de pausa obrigatória seria como um momento de inércia e reflexão, um momento sombrio, de muito medo e insegurança. Após duas semanas dentro desse contexto eu já sentia mudanças, mas quebrando completamente minhas expectativas, a inércia da minha estrutura física e o desgaste mental estavam vencendo. No ar existia um clima mórbido e de luto, as notícias vinham como facas em direção ao peito, aterrorizando o dia a dia, sem perspectivas de melhoras e um futuro incerto sobre quando a saúde do mundo iria melhorar em relação a Covid-19” (TEIXEIRA, 2024, p.20)

É preciso olhar para esses profissionais, o que eles sentiram e como se comportaram nesse novo contexto. E, se aderiu ao formato remoto, como se deu essa transição. A mudança para o ensino virtual exigiu que os profissionais da dança desenvolvessem novas habilidades e estratégias pedagógicas, buscando ter “jogo

de cintura” para manter a conexão com seus alunos e garantir a continuidade do aprendizado, mesmo à distância.

2.2 Quem é a professora ou professor autônomo na dança?

A professora ou professor de dança autônomo é o profissional que exerce seu trabalho artístico de forma independente, ou seja, sem vínculo empregatício, como a carteira de trabalho assinada. Na prática, cada profissional escolherá (ou precisará se submeter a) uma forma de contratação, seja por meio de contratos de prestação de serviços, contratos verbais ou o famoso “boca a boca”, com ou sem inscrição como Microempreendedor Individual (MEI), dentre outros.

No que se refere à dança, optou-se por utilizar o entendimento geral da dança, ainda que apenas a reprodução de passos e sequências coreográficas de um ritmo específico. Vale ressaltar que, para atuar como professor ou professora de dança, não é obrigatório possuir graduação acadêmica ou registro em Conselhos Profissionais. É uma construção individual e parte também do próprio profissional se entender como professor ou professora de dança. A validação desse tipo de trabalho geralmente decorre da trajetória e do compromisso do profissional com o estudo da dança, a sua vivência cultural e a transmissão de seus conhecimentos. Isso pode ser comprovado por diversos meios, como participação em apresentações artísticas, registros fotográficos e audiovisuais, matérias jornalísticas, divulgação de aulas por meio de flyers e panfletos, entre outras evidências.

Embora seja comum associar as aulas coletivas de dança a ambientes como academias, estúdios de dança, praças e clubes, este estudo compreende como aula coletiva de dança qualquer atividade em dança que envolva duas ou mais pessoas, além do professor ou professora, independentemente do local onde ocorra. As modalidades são diversas, incluindo danças de salão e danças a dois, ballet, hip hop dance, danças populares, sapateado, brega funk, jazz funk, samba no pé, ritmos latinos, vogue, dança contemporânea e programas estruturados como FitDance, Zumba e Les Mills.

2.3 A metodologia de aula de dança antes e durante a Pandemia da COVID-19

Já sabemos que a professora ou professor autônomo de dança tem a liberdade e autonomia de construir e planejar as suas aulas e trabalha sem um vínculo empregatício estabelecido. A definição de suas próprias metodologias em sala de aula, leva em consideração as características específicas da modalidade ou do ritmo que ensinam.

Antes da pandemia da COVID-19, as aulas de dança coletivas eram predominantemente presenciais. Os alunos compartilhavam espaços, interagiam entre si, com a música e com o ambiente. Era uma experiência sensorial intensa, marcada pelo suor, os gritos de incentivo, a energia coletiva e a socialização. A dinâmica dessas aulas também envolvia superar desafios sob os olhares dos colegas e explorar as sensações únicas de aprendizado, expressão e ritmo. A organização de cada aula variava de acordo com a metodologia do professor ou professora, que escolhia a duração, os exercícios, as músicas e os passos de acordo com o seu entendimento, o público e a modalidade.

Uma aula de Samba de Gafieira não terá o mesmo formato da aula de Ballet, nem da aula FitDance, ainda que todas elas possam ser consideradas danças e manifestações culturais de um povo. Indo um pouco mais além, nem se compararmos professores de dança autônomos da mesma modalidade, teremos aulas idênticas... A aula de samba no pé da professora Preta Nascimento é diferente da aula de samba de Gafieira do professor Rodrigo Marques (eles são casados e trabalham juntos!). Essa é a liberdade e a diversidade que teremos através do compromisso de ensino de cada professora e professor de dança.

Acompanhando essa liberdade e o seu resultado, as múltiplas teorias e metodologias de ensino, criam-se também discussões e juízos de valor sobre qual método adotar em sala de aula. A exemplo da discussão entre o modelo tecnicista de ensino, defesas sobre um metodologia desenvolvimentista e, em contraposição, o estímulo ao ensino expressivo, artístico e que estimula a criatividade e liberdade do aluno por meio da dança:

“Temos que concordar que a educação física através de certas instituições e de professores reforçou e reforça uma concepção tecnicista de movimento. Porém, não menos importantes são aqueles

que se opõem a este modelo, propondo e trabalhando com e para uma educação física humanista e emancipatória.” (PACHECO, 1999, p.5)

Apesar de entender que discussões assim são muito pertinentes, no presente estudo, não iremos julgar a metodologia adotada, vamos nos ater apenas a descrever e analisar a forma como os participantes da pesquisa relatam ministrar suas aulas, como foram impactados pela pandemia da COVID-19 e realizaram suas adaptações frente às mudanças ocorridas.

Os professores do projeto de extensão “Dança de salão” da UFMS, por exemplo, ministravam aulas de uma hora e meia e dividiam os procedimentos de ensino em: quinze minutos iniciais para prática e retirada de dúvidas das movimentações da aula anterior, ensino de um passo por aula dividido por aprendizado da mecânica do movimento, ritmicidade (introdução com música) e condução com a formação dos pares e a prática do passo ensinado. No contexto pandêmico, escolheram o caminho das aulas gravadas para dar continuidade às aulas e não interromper totalmente o vínculo com seus alunos e alunas e descreve:

“Nesse cenário on-line, as aulas eram gravadas pelos professores bolsistas do projeto; o docente usava seu celular para registrar a aula e utilizava seus itens domiciliares à disposição para representar o par, como, por exemplo, uma vassoura, almofada, travesseiro, entre outros. Além dessa busca de criatividade para tentar suprir a ausência do outro ser dançante, a padronização dos vídeos foi uma pauta a ser considerada em questão.” (PERES, ROSA, LINO, 2024, p. 443)

Muito inspirados pelos formatos de vídeos implementados pela plataforma Tiktok e Youtube Shorts, os professores seguiram a linha de vídeos curtos, de até 10 minuto, que continham os ensinamentos almejados dentro do planejamento feito nas reuniões do projeto, visando a independência dos alunos e alunas irem executando e reproduzindo quantas vezes desejassem.

Já a professora Marina Mendes Teixeira (2024), fez uso de técnicas somáticas que proporcionou mais autonomia e consciência corporal para suas alunas da dança do ventre, o que modificou sua forma de ensinar até os dias atuais. Em seu trabalho de Conclusão de curso, fez um relato de sua própria experiência e

de como passou a ter outro entendimento sobre o corpo que dança, subdivididos em Corpo pedagógico, Corpo online e Corpo caderno. Sua metodologia no contexto pandêmico foi atravessada por esse entendimento:

“A construção de um corpo online, foi pensar em corpos que estavam trancados em casa, sem muita socialização, sedentos por novidades positivas, em meio a um caos externo, as aulas de dança não viriam como uma mão salvadora, mas obviamente eu me vi na obrigação de dispor não apenas “Aula”, mas também um espaço de acolhimento, assim foi pensado na estruturação dessa aula, uma aula que tivesse lugar para, reflexão, olhar pra si, mover, distrair e socializar. Nesse momento vi a oportunidade de trazer as técnicas somáticas como técnica entrelaçada à dança do ventre, criando assim esse lugar mais experimental e aberto.” (TEIXEIRA, 2024, p. 40).

É interessante notar que, essa prática, era feita em conjunto com os alunos e alunas, fazendo uso de plataformas online e em tempo real. Dessa forma, os professores de dança ajustaram (ou não) suas práticas de ensino à nova realidade, respeitando as particularidades das suas turmas, construindo suas metodologias e explorando os recursos disponíveis para garantir a continuidade das aulas. Como isso se deu no contexto dos professores de dança de João Pessoa, os impactos, desafios e adaptações, serão respondidos no presente estudo.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa classifica-se como descritiva sob a análise qualitativa, com o objetivo de analisar os impactos da pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa. Para esse estudo, o mais importante é entender os impactos pelo ponto de vista subjetivo dos profissionais e não apenas por números, uma vez que “[...] as significações da abordagem qualitativa permitem compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas em uma sociedade por meio das representações em que os indivíduos se colocam em cada relação com o meio” (SOUSA, SANTOS, 2020, p. 1399). A abordagem qualitativa permitiu aprofundar a análise das percepções e dos significados atribuídos pelos participantes às mudanças ocorridas em suas práticas profissionais.

3.2 Participantes da pesquisa

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, é preferível utilizar o termo “participantes ou sujeitos” em detrimento de “população e amostra”. Os sujeitos da pesquisa são professores de dança autônomos que atuam na cidade de João Pessoa. Optou-se pela amostragem por saturação, uma vez que essa estratégia permitiu uma exploração profunda do fenômeno estudado, garantindo que todas as dimensões relevantes sejam abordadas. As entrevistas foram encerradas quando se observou a saturação temática, ou seja, quando novos dados não estavam mais contribuindo para o surgimento de novas categorias ou unidades de contexto ou para o aprofundamento das já existentes. Sendo necessário que fossem professores ou professoras de dança autônomos domiciliados na cidade de João Pessoa-PB, com experiência anterior à pandemia e maiores de 18 anos.

3.3 Variáveis e instrumentos para a coleta de dados

Foi elaborado um formulário na plataforma Google Forms com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como perguntas sobre os e as participantes da pesquisas, tais como: nome, idade, gênero, raça/etnia, sexualidade, modalidade de dança trabalhada. Além disso, o principal instrumento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. O roteiro da entrevista foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa e conteve questões abertas para permitir que os participantes expressassem suas experiências de forma livre e aprofundada. Elas foram realizadas individualmente, com duração média de 30 minutos. Os encontros foram agendados no laboratório Laisthesis ou em local conveniente para os participantes e foram gravados com o consentimento prévio dos mesmos.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Utilizou-se a técnica de pesquisa Análise de Conteúdo defendida por Bardin e que se estrutura em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização e codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Segundo, Sousa e Santos (2020), os achados da pesquisa se tornam válidos mediante coerência interna e sistemática das três fases citadas, foi preciso que a pesquisadora se ativesse ao processo para evitar ambiguidades, isso não significou dizer que não se flutuou entre as fases, pois essa é uma técnica que necessita de constante estudo e revisão.

3.5 Análise dos dados

A análise dos dados é qualitativa para investigar a pandemia da covid-19, construindo e apresentando concepções em torno dos impactos sofridos nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB. Foi feita através da Análise de Conteúdo, seguindo rigorosamente as fases definidas por Bardin, quais sejam, pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (SOUSA, SANTOS, 2020). Apesar de utilizar a nomenclatura “rigorosamente”, se refere apenas a passar por todas as etapas, mas isso não quer dizer que a

pesquisadora não possa ir e vir entre elas, pelo contrário “não se apresentam de maneira estanque, linear, e, sim, como um roteiro didático para o tratamento dos dados, sendo importante que o pesquisador tenha ciência de que isso pode passar por entrelaçamentos e, por vezes, idas e vindas.” (SOUZA JÚNIOR et al, 2010).

3.6 Aspectos éticos

Os voluntários da pesquisa foram esclarecidos quanto aos objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa. Neste sentido, os participantes foram considerados voluntários após a confirmação e aceite do termo de consentimento livre e esclarecido, sendo garantido aos mesmos o sigilo e confidencialidade das informações individuais e que só dados globais serão divulgados à comunidade acadêmica e demais públicos, conforme as normas para a realização de Pesquisas com Seres Humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 (BRASIL, 2013). O projeto foi submetido via Plataforma Brasil para apreciação bioética do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba e aprovado com CAAE nº: 85164024.8.0000.5188.

Os benefícios do estudo são elevados e estão relacionados à análise dos impactos da pandemia nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos, auxiliando esses profissionais em possíveis futuras situações emergenciais, ao enriquecimento do campo cultural com novas práticas pedagógicas e o uso de tecnologias que vieram a surgir como resultado da pandemia, além de fornecer subsídios para a elaboração de políticas públicas que visem apoiar tais profissionais da cultura, inclusive no desenvolvimento de programas e iniciativas que garantam a continuidade das atividades culturais. Os riscos da pesquisa foram mínimos e relacionados com possíveis memórias desagradáveis relacionadas a determinadas perguntas da entrevista e que foram minimizadas pela pesquisadora na coleta de dados, conforme preparação prévia e orientações aos participantes sobre como se daria a entrevista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vamos tecer um retrato do impacto da pandemia na vida dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB. Entrevistamos 7 pessoas, múltiplas em suas características e narrativas. Os e as participantes possuem idades variando de 30 a 54 anos, em sua maioria, mulheres cis (5), mas com a presença de dois homens cis, com diversidade de raças/etnias (3 pessoas negras, 3 brancas e 1 amarela) e a pluralidade de orientações sexuais (3 homossexuais, 3 heterossexuais e 1 bissexual).

A riqueza de modalidades também pôde ser observada, sendo elas: dança do ventre, danças urbanas, dança de salão (forró, samba no pé, axé, pagode, salsa), ritmos latinos e nacionais, dança contemporânea, balé clássico e bachata moderna. Cada um deles partilhou de suas vivências e revelou como a pandemia desafiou e transformou suas práticas pedagógicas e artísticas.

Em primeiro momento, vamos entender como as professoras e os professores de dança autônomos de João Pessoa trabalhavam antes do advento da pandemia da COVID-19, suas visões e percepções sobre as aulas de dança em suas respectivas modalidades. Em seguida, passaremos a analisar os impactos da pandemia nas aulas coletivas de dança, os desafios enfrentados e suas adaptações.

4.1 Professores de Dança autônomos antes da pandemia

Primeiramente, vamos entender e localizar no espaço-tempo os nossos participantes, considera-se que essa especificidade é importante e nos permite analisar as particularidades desses profissionais antes das significativas transformações impostas pela crise sanitária da COVID-19. Cria-se, portanto, a categoria dos “professores de dança autônomos antes da pandemia”. Como se construiu essa carreira na dança e como funcionou a identificação enquanto profissional autônomo em João Pessoa, como eram as aulas de dança, seja pela estrutura, perfil da turma e metodologia da aula até 2020, antes da pandemia da COVID-19.

Para isso, os entrevistados e entrevistadas serão identificados como Participante 1, Participante 2, Participante 3... até participante 7 com o entendimento de que eles e elas não serão identificadas em qualquer de suas características, ainda que usemos artigos femininos e masculinos.

O “se entender” enquanto professor de dança autônomo vai passar por uma maturidade da pessoa e pelo entendimento profundo do que é ser um profissional. A participante 3, por exemplo, quando questionada sobre sua carreira como professora autônoma da dança, respondeu que sempre trabalhou como profissional com carteira assinada e, por muito pouco, encerramos a entrevista na primeira pergunta.

Foi preciso ter sensibilidade para perceber que a pessoa atuava, mas que, na verdade, não sabia o que era ser autônomo. Observa-se que essa dificuldade em reconhecer a própria autonomia profissional, mesmo diante da atuação no mercado, levanta questões importantes sobre a formação e o reconhecimento da identidade do professor e da professora de dança de João Pessoa - PB. Ao continuar questionando se a pessoa entrevistada não havia trabalhado por contrato em alguma empresa, foi quando a mesma respondeu que “Antes da pandemia, eu trabalhava em academias como pequeno porte, que eram sem vínculo nenhum, nem contrato eu tinha. Era mais, era boca a boca. Se enquadra? Porque era antes da pandemia...”

É uma realidade, muitos profissionais da dança não se percebem como profissionais autônomos, ainda que atuem no mercado de trabalho, estudem, assumam as responsabilidades com seus alunos e alunas, sejam contratados e recebam uma contraposição financeira pelo trabalho realizado. São pessoas que apenas seguem o fluxo de trabalho exigido para sobreviver no mundo capitalista, com trabalhos simultâneos, na mesma ou em outras áreas ou, até mesmo, fazendo trabalhos em múltiplas funções na dança.

É importante que o profissional autônomo saiba que tem o seu valor e, principalmente, se informe sobre os riscos e desafios da sua profissão e de empreender, conforme Contreiras (2012) alertou. Em consonância com a autora, a presente análise sugere ainda que essa consciência não apenas protege o

indivíduo, mas também fortalece a coletividade da classe trabalhadora da dança, permitindo uma atuação mais informada e engajada nas pautas relativas à dança.

Essa mesma dúvida não apareceu com os profissionais que tiveram formações de carreira numa graduação em Dança ou dentro de Escolas de dança. A participante 7 traz: “E a gente começou com a formação, mas por estarmos no curso licenciatura, a gente também já se propôs a iniciar dando aulas.” Indicando uma possível diferença que o estudo formal tem no se propor e assumir a postura de ensinar e liderar uma turma. Já a Participante 1 complementa: “Então, eu comecei mesmo em 2015 para 2016, quando eu realmente assumi mesmo”. E a Participante 6, que atua há 37 anos, traz: “[...] comecei como monitora de ballet clássico, dei aula de ballet clássico durante muitos anos, né? Porque eu fiz ballet clássico durante 20 anos da minha vida.” Não restando dúvidas sobre o seu trabalho e atuação como autônoma.

A ideia de “assumir” uma postura profissional é bem interessante, pois indica apropriar-se de algo, tomar para si. Quando acompanhada de uma graduação, seja ela em Dança ou em Educação Física, seja por experiências e vivências em escolas de Dança, os participantes assumem com mais facilidade esse local. Entende-se que a formação formal, seja acadêmica ou em escolas de dança, parece desempenhar um papel significativo nesse processo de reconhecimento profissional, possivelmente por oferecer um arcabouço teórico e prático mais estruturado.

Em seguida, questionamos sobre as aulas de dança antes da pandemia, para entender qual era o perfil da turma, a estrutura da sala de aula, a metodologia adotada nesse período. Encontramos cenários diversos, inclusive o não lembrar. Mas entendendo que esse comportamento, ainda que não citado diretamente pelos participantes, indica um possível impacto da pandemia, iremos falar melhor sobre ele no tópico pertinente aos impactos da pandemia nas aulas coletivas: desafios e adaptações.

Os e as participantes relatam que as aulas aconteciam em academias de pequeno e grande porte, escolas e estúdios de dança, escolas municipais, bem como, de ensino privado, teatros, centro de vivências da UFPB e possuíam estruturas diversas. Muitos indicaram ter trabalhado em salas que tinham estruturas pensadas para a dança, com ar-condicionado, pisos adequados e espelhos. E, como

já mencionado, os profissionais autônomos acabam acumulando funções e carreiras diferentes para suprir suas necessidades financeiras. Nesse caso, a participante 2, que trabalhou tanto em estúdios, como em academias, com duas modalidades de dança diferentes, relata:

“Na dança de salão, sempre trabalhei com a sala com o piso adequado, que não escorrega, que não prende muito, com estrutura, com ar-condicionado. Na academia, o piso já muda, porque o piso é mais acolchoado, por causa do impacto. Porque como a academia vê a aula de dança como um cardio, então o piso se torna totalmente diferente, e sempre com a sala boa.”

Para o participante 3, que trabalhava em academia de bairro ou de menor porte, a realidade era outra. Não havia divisórias entre os ambientes de musculação, ergométricos e aulas coletivas, sendo um “vão só”:

“E o pessoal da musculação sempre via quem estava participando das aulas e o contrário também acontecia. Isso era um pouco constrangedor para nós, professores, e para os alunos. Algumas pessoas se sentiam constrangidas em participar das aulas porque era um ambiente que estava sendo observado por todo mundo dentro da academia, principalmente por mulheres casadas e mais velhas.”

Fato é que a estrutura do local, a climatização e o perfil da turma podem influenciar em como essa aula vai acontecer, seu planejamento e em como o professora ou a professora vai colocar em prática suas atividades. A predominância do público feminino, conforme apontado pelos participantes, era uma característica marcante desse período que, sem dúvida, moldava as dinâmicas e as escolhas metodológicas em sala de aula.

Entendemos que o perfil da turma influencia no planejamento e execução da aula, assim como a assiduidade destes para a continuidade do ensino. A Participante 4, nos traz a ausência masculina e a assiduidade como fatores importantes a serem mencionados para o perfil de sua turma, conforme o trecho “E, geralmente, tinha um homem, dois homens, no máximo, nunca passava disso. E também não era um público fiel. Tinha uma certa instabilidade, mas era sempre esse público jovem.”

Até então, é possível notar pelas falas dos participantes dessa pesquisa que existiam desafios no ensino presencial no período pré-pandêmico, seja ter vários trabalhos ou funções, instabilidade, questões estruturais, dificuldade em trazer o

público masculino para a dança, alta rotatividade dos alunos e alunas em sala de aula e etc. Considera-se que esses desafios, embora não sejam novidade para os profissionais da área, revelam aspectos estruturais e culturais da profissão de professor e professora de dança autônoma que merecem uma análise mais aprofundada.

Dando seguimento, vamos falar a respeito da metodologia implementada pelos participantes, a Participante 3 era instrutora FitDance: “Então, aula pré coreografada, então a metodologia da Fit, coreografia da Fit, que a gente segue o passo a passo, via aquecimento e por aí vai, com músicas que a gente tinha que pesar na hora de levar para os alunos, para elas, exclusivo.” Assim como a participante 4, também instrutora FitDance, afirma: “Então, eu tinha muitos dos ensinamentos que eu tinha nos treinamentos, no programa.”

Esses profissionais utilizam o método da empresa FitDance, que tem como pilares os 5 D's da FitDance: dança, divertido, dinâmico, democrático e desafiador. Na prática, o instrutor FitDance tem liberdade para escolher as músicas e ritmos para cada turma e escolher qual ferramenta didática do método FitDance que ele irá utilizar para ensinar as coreografias para os alunos e alunas, vale salientar que as coreografias são postadas no Youtube e estão à disposição do público para assistir e reproduzir a qualquer momento. Cabendo ao instrutor ou instrutora FitDance se capacitar para executar as coreografias e desenvolver as técnicas de ensino do programa ensinadas nos treinamentos ou “Level Ups” da empresa.

Identifica-se na fala dos participantes, apesar da diversidade de modalidades (quais sejam, danças urbanas, dança de salão, samba no pé, fitdance, ritmos brasileiros, dança do ventre, bachata, ballet, dança contemporânea), uma organização pedagógica comum no ensino da dança que busca otimizar o aprendizado através de etapas sequenciais e complementares. Visualizando a aula como um momento que tem início, meio e fim, entenderia a estrutura padrão como: início (recepção dos alunos, aquecimento e/ou alongamento), meio (revisão dos passos, base do ritmo trabalhado, técnica de um passo novo, passo a passo de uma coreografia) e fim (relaxamento, desaquecimento, flexibilidade, apresentação da coreografia aprendida).

Além disso, foi possível notar uma hierarquização dos procedimentos adotados no aparecimento das palavras “aula propriamente dita” pelas participantes 2 e 6. A participante 6 chama, ainda, de “parte central da aula” e a participante 2 explica que seria, principalmente, a base do estilo trabalhado. Entendemos como “parte principal” da aula, aquela em que se concentraria o aprendizado que o professor ou professora quer trabalhar com a sua turma.

A recepção dos alunos e alunas, foi a primeira citada pelos Participantes 1 e 2, destacando a fala do Participante 1 “era meio uma conversa para entender o contexto do aluno, do psicológico, de como o psicológico dele se orientava para fazer a aula, de como o corpo estava disposto para fazer aquela aula, aí depois vinha um aquecimento mesmo, um alongamento e uma sequência coreográfica.”. Observa-se que a atenção dada ao estado emocional e físico dos alunos no início da aula demonstra uma sensibilidade pedagógica importante, reconhecendo a influência do bem-estar individual no processo de aprendizagem da dança.

Os demais participantes mencionaram primeiro o Aquecimento e o Alongamento e apenas as participantes 4 e 5 não chegaram a falar sobre eles. O alongamento foi citado três vezes, uma vez antes do aquecimento, outra vez após o aquecimento e, ainda, como procedimento final da aula. Quando mencionados próximos um ao outro, ficamos em dúvida se era para denotar partes específicas e separadas da aula ou apenas como atividades sinônimas.

Chama atenção a menção do Aquecimento em cinco das sete falas dos participantes. A Participante 2 diz: “Em relação à metodologia, eu juntava o que eu fazia na aula de dança e o que eu aprendi na faculdade. Então, a metodologia vem com o aquecimento, que é muito importante. Tem um aquecimento global, é onde a gente trabalha todas as articulações. E aí vem o aquecimento específico. Na aula de dança, o aquecimento específico é onde você coloca o estilo que você vai trabalhar.”

Relembrar os passos anteriores foi citada pela Participante 7, que trabalha com a modalidade da Bachata:

“Inicialmente a nossa metodologia era essa que eu acredito que seja meio que padrão na dança de salão, que era o que a gente já tinha experimentado. Então você chega, faz um alongamento rápido, um aquecimento para já dar uma movimentada, já relembrar alguns passos, depois a gente ia explicar o passo, a sequência que a gente ia trabalhar. Tinha um momento de dançar todo mundo junto, sempre

fazendo essa rotatividade e no final a gente fazia um desaquecimento.”

O relembrar nos dá uma ideia de continuidade nas aulas, o aluno ou aluna revisa aquilo que foi aprendido na aula anterior e soma com o conhecimento que irá adquirir na presente aula. Muitos alunos e alunas visualizam a carreira como professores e professoras de dança e começam reproduzindo as estruturas vistas pelos antigos professores, como bem sinalizou a participante 7, por isso, chama atenção também a menção do “padrão” de aula na dança de salão, visto também na fala do Participante 5:

“Tinha um formato específico, que era um formato padronizado que existe no Brasil para a dança do ventre. Que é onde você ensina primeiros passos básicos. Costura esses passos e passa uma coreografia para as alunas. E no final da aula tem uma apresentação. Era esse o formato.”

Há sim a presença de uma estrutura tradicional e lógica de progressão da aula nas falas dos Participantes da pesquisa, priorizando o desenvolvimento técnico e a reprodução de coreografias. O que tem trazido grandes diferenças são as especificidades e necessidades de cada ritmo, por exemplo, a dança de salão tem a característica de dançar com o par, então a rotatividade e o dançar junto são partes da aula que não serão mencionadas na dança do ventre, por exemplo. A forma de encerramento da aula, também em suas especificidades em cada modalidade. Aparecem as unidades de registro como “apresentação” da Participante 5, “desaquecimento” da Participante 7, “alongamento e a parte da flexibilidade” da Participante 6.

4.2 Impactos da pandemia nas aulas coletivas de dança: Desafios e Adaptações

A partir desse momento, vamos entender o que as professoras e professores de dança relataram sobre os impactos da pandemia nas suas aulas coletivas, bem como os desafios enfrentados e suas adaptações. Os impactos existiram e são, portanto, as consequências diretas ou indiretas da pandemia e das medidas de isolamento social sobre os professores, alunos e a própria prática das aulas de dança. Os desafios são as dificuldades encontradas na realização (ou não)

de suas aulas nesse período e as adaptações são as ações ou soluções encontradas para lidar com tais impactos e superar os desafios.

Para melhor analisar os discursos dos participantes, subdividimos a categoria “impactos da pandemia nas aulas coletivas de dança” em: interrupção das aulas presenciais, não lembrar direito, dar aulas online de dança, fechar o próprio negócio, mudança de endereço, área profissional e rotina, impactos psicológicos, impactos físicos, impactos financeiros, impactos nos colegas de profissão, interrupção da graduação, evasão/perda dos alunos e alunas, e vulnerabilidade da profissão. Eles representam o efeito da situação.

O primeiro impacto citado foi a interrupção das aulas presenciais, devido às medidas de segurança para conter o vírus que se espalhava rapidamente. Entretanto, conforme explicado no tópico anterior, ao ser perguntado sobre como eram as aulas coletivas antes da pandemia, a participante 4 relata:

“Eu dava aula em academia particular, de farda, né? Dava aula em duas ou três academias antes da pandemia. E estava começando a ministrar o projeto na praia, eu acho. Não me lembro se foi antes ou se foi depois. Acho que foi depois da pandemia, né? Foi pós-pandemia, foi.”

Considera-se que a dificuldade em recordar detalhes precisos sobre o período pré-pandêmico, manifestada em hesitações e confusões nos relatos, pode ser interpretada como um reflexo do impacto psicológico da pandemia, corroborando a literatura sobre memória e eventos traumáticos.

“[...]o funcionamento da memória depende de alguns fatores, tanto para o funcionamento em si como para a consolidação de memória de curto para longo prazo; entretanto, esse funcionamento pode sofrer intercorrências e ter o seu processo prejudicado, como por exemplo, pela presença do estresse. O estresse leva ao aumento de cortisol no organismo, que afeta o cérebro na sua integralidade, tanto nas áreas do córtex pré-frontal como no hipocampo e na amígdala e pode acarretar déficits no funcionamento cerebral e na cognição. (SOUSA, 2024, p.11)

Há 5 anos, lidamos com uma pandemia, mas há quem tenha sensações de que aconteceu a menos tempo, para outros têm um distanciamento imenso. Há quem queira e consiga lembrar e quem queira e consiga esquecer. Mas, voltando, para o impacto da interrupção das aulas presenciais... O “lockdown” foi a maneira encontrada para restringir, obrigatoriamente, a circulação em lugares públicos e a liberação apenas das atividades consideradas essenciais.

A Participante 2 afirma: “O impacto que a pandemia nos trouxe é que ela nos tirou da sala de aula” e a Participante 1 ressalta o impacto da surpresa dessa interrupção: “a escola, ela foi obrigada a fechar, né? Teve que ser fechada e a gente passou um tempo sem ter aula, porque precisava... não tinha... não teve uma organização, assim, pegou todo mundo de surpresa, né?”. Observa-se que a abrupta suspensão das atividades presenciais, conforme relatado, expôs a vulnerabilidade dos professores autônomos de dança diante de eventos inesperados, evidenciando a necessidade de estratégias de contingência e suporte para a categoria profissional.

“O isolamento social trouxe a necessidade de realizar novos arranjos para continuar o ensino, inclusive da dança. Independente da vertente, do tempo de prática ou do objetivo almejado, a suspensão das atividades presenciais em vista da pandemia respaldou em pausas e reorganizações.” (CRUZ, 2024, p.58)

As pausas e reorganizações foram extremamente necessárias e, ao refletir sobre os próximos passos, a incerteza e a falta de informações desse período de interrupção das aulas foram muito sentidas. Como disse a Participante 5: “E aí, eu me vi nessa situação. Ou eu me adaptava ao online, de alguma forma, mudava toda a minha metodologia e pensava em como trabalhar no online. Ou eu não ia sobreviver à pandemia. Pelo menos não como professora de dança.” Para muitos professores e professoras de dança autônomos, a transição para o ensino online representou não apenas uma adaptação profissional, mas uma estratégia de sobrevivência econômica em face da impossibilidade de manter as aulas presenciais.

A participante 2 relata que foi preciso “aprender a dar aula online” e que o processo foi longo “Eu passei três meses parada, porque eu não sabia utilizar a internet”. O participante 1 fala que:

“Houve uma conversa entre os alunos, entre a turma, né? Para saber se o pessoal queria voltar, iria voltar a fazer aula, porque, até então, na verdade, antes disso, houve-se uma organização entre os professores do espaço, aonde foi proposto para que a gente desse aula online, que foi justamente quando começou, inclusive, o pessoal começou a se organizar e explodiu essa forma de aula, que era a aula online, né?”

A tomada de decisão em continuar com o online não era certeza de êxito e também não foi um processo homogêneo e linear para todos e, assim, novos

impactos vão sendo relatados. Houveram os professores e professoras de dança que conseguiram continuar suas aulas e, infelizmente, aqueles que não conseguiram manter suas atividades. Não iremos adentrar na esfera dos desafios enfrentados, pois será melhor explicado à frente, apenas as consequências vivenciadas serão relatadas neste momento. A participante 6 relata que “Aqui no estúdio, eu continuei dando aula. Apenas, acho que eu consegui continuar durante uns sete, oito meses. Cada um na sua casa e eu na minha casa.”, mas que, devido aos impactos psicológicos, ela precisou fechar o seu negócio ““Eu só sei que no final das contas, eu não consegui manter o estúdio. E eu fechei.”

Ainda falando sobre grandes mudanças, nessa subcategoria, adicionamos a mudança de endereço, área profissional e rotina. Para a Participante 1, antes de pensar a continuidade de suas aulas para o meio online, traz o impacto da mudança de moradia:

“Então, voltei a morar com os meus pais logo na primeira semana. Assim que disseram que ia parar tudo, eu catei minhas coisas, arrumei uma malinha e vim para Campina, porque se realmente fechasse fronteira, fronteira municipal, fronteira estadual, pelo menos eu estaria em Campina, caso acontecesse algo de muito pior. E aí, vim para Campina e estava na casa dos meus pais.”

Para ela, que é professora de danças urbanas e trabalhava em estúdio/escola de dança, a decisão por continuar dando aulas online partiu não apenas do próprio desejo, mas também do estímulo da escola de dança e dos profissionais que ali trabalhavam, tendo havido uma “organização entre os professores do espaço, aonde foi proposto para que a gente desse aula online, que foi justamente quando começou”. Mas, no decorrer da entrevista, o Participante 1 explicou diversos desafios enfrentados com as aulas online, os quais também serão falados mais a frente, e que não só mudou de endereço, mas que teve como impacto também parar de dar aulas de dança e realizar uma troca de área profissional:

“Acabei optando por ficar por aqui e aí acabou que nessa vinda para cá para a Campina eu tive que me reinventar e buscar uma outra área. Então eu comecei eu deixei de dar aula, parei de dar aula e entrei num ramo de restaurante de lanchonete e restaurante.”

Tantas mudanças em um curto espaço de tempo, em meio a uma crise de saúde humanitária, temendo pela própria vida e dos seus amigos e familiares, num

contexto em que não saberia como continuar a trabalhar... é bem desafiador analisar e dimensionar tamanho impacto na vida de parte dos profissionais da dança autônomos de João Pessoa-PB. Esses fatores ocasionaram mudanças na rotina dos participantes e foi preciso ter jogo de cintura para lidar com isso. O Participante 3 explica como esse processo foi frustrante:

“Então, isso foi muito frustrante, ter essa quebra dentro de 24 horas, de um dia você estar numa rotina totalmente corrida, estar para cima e para baixo, no outro dia você está preso, e saber que aquele tempo é indeterminado. Você vai passar um tempo e ainda não sabe quando vocês vão voltar, porque não tinha previsão de volta até então, você não sabia como era, e quando voltasse você não saberia como ia voltar, porque não tinha nenhum protocolo ainda feito.”

A frustração, o sentir-se preso, ter a cabeça invadida por pensamentos constantes e incertos sobre o futuro, nesse relato temos não só o impacto da mudança de rotina que antes era agitada e movimentada e passar a ser/estar em casa, mas também impactos psicológicos sentidos pelo Participante 3 com essa crise sanitária de alcance internacional. Nota-se que a drástica alteração na rotina diária dos professores e professoras de dança, marcada pela transição de uma intensa atividade profissional para o isolamento doméstico, desencadeou significativos impactos psicológicos, evidenciando a interconexão entre a dinâmica de trabalho e o bem-estar mental. Segundo Nascimento *et al* (2024, p. 98) “A interrupção das rotinas diárias e as experiências traumáticas durante a pandemia deixaram marcas profundas. O estresse prolongado e a ansiedade exacerbada podem gerar consequências duradouras sobre o bem-estar emocional.”.

Além desses, diversos sentimentos, emoções e doenças mentais foram relatados pelos participantes e colocados na subcategoria de impactos psicológicos, tais como: sensação de invalidez e incapacidade, baixa autoestima, culpa, desmotivação para dançar, estranhamento, tristeza, pânico e depressão.

Ora, a Participante 6, atuante na modalidade balé clássico e dança contemporânea, que nos contou sobre ter fechado o próprio estúdio de dança, afirmou que não foi por uma questão financeira, pois a mesma tinha estabilidade nos demais trabalhos que realizava e completa: “Mas foi muito mais uma questão de... Foi difícil. Eu perdi renda, é claro... mas foi uma questão de estímulo mesmo. De continuar. Sabe? Eu não conseguia continuar.”. Em outro momento, essa mesma participante traz o seu sentimento de incapacidade frente ao que estava

acontecendo: “Eu não me imaginava nem dando aula. Então, eu acho que eu ainda tenho resquícios disso. É como se, de repente, eu tivesse ficado incapaz. Eu não conseguia mais me ver dando aula. E nada. Foi bem difícil.”

Os relatos de sentimentos como ansiedade, sensação de incapacidade e desmotivação para dançar encontram respaldo em estudos sobre a saúde mental durante a pandemia, como o de Nascimento *et al* (2024), que identificou um aumento alarmante nos casos de depressão, ansiedade, estresse e distúrbios de sono entre as pessoas mais afetadas pelas restrições e pelo isolamento social, uma vez que não ocorreu de forma uniforme entre toda a população, bem como o de Tertuliano e Santos (2024), que traz como as preocupações vivenciadas no período pandêmico contribuíram para um aumento nos transtornos mentais e no sofrimento psicológico das pessoas.

A participante 2 traz um relato semelhante:

“Eu me senti inválida na pandemia. Todo o tempo que eu passei estudando, tanto na faculdade, nos workshops que eu faço investimento, as trocas de conhecimento que eu faço com meus colegas, na pandemia, isso não valeu de nada. Os quatro anos da academia, os workshops, zerou para mim. Eu me senti inválida. Era como se eu nunca tivesse dado aula. Desaprendi a dar aula.”

Curiosamente, a sensação de incapacidade e invalidez foram relatadas por Participantes que possuíam mais de 30 anos de carreira na dança, em suas respectivas modalidades, apontando para a necessidade de futuras investigações que explorem a possível correlação entre o tempo de carreira e a intensidade do impacto psicológico da pandemia, especialmente no que concerne à sensação de perda de habilidades profissionais em professores de dança experientes.

A preocupação com a saúde dos alunos e alunas seguida de uma culpa por não conseguir estar presente, auxiliando na execução dos passos, orientando através do contato físico, também foram sensações experienciadas pela Participante 2, que traz: “[...] quando o aluno dizia que “eu me machuquei”, eu me auto culpava. Porque eu não estava ali do lado deles. E nós, professores de educação física, profissionais de educação física e professores de dança, é contato.” Observa-se que o distanciamento físico imposto pela pandemia gerou não apenas um sentimento de estranhamento em relação ao novo formato de ensino, mas também um senso de responsabilidade e culpa nos professores e professoras.

Aqui, retomamos a Participante 1, que parou de dar aulas de dança, “essa foi minha primeira e única aula, porque eu disse, não, não dá. Depois de tudo isso, eu só meio que me fez me sentir muito, muito, muito só e mexeu com o meu psicológico.” O que pode ter correlação também com a sensação de estranhamento relatada mais a frente “teve um pouquinho de estranhamento, porque eu estava dando aula na sala da minha casa para uma televisão”. E esse estranhamento evolui para uma desmotivação para dançar, seja como professora ou professor, seja como aluno ou aluna “Conheço professores que se adaptaram à aula online e deram aulas incríveis durante a pandemia. Mas, assim, eu fazendo aula, eu não me sentia estigado a fazer. Realmente, eu fazia meio que por fazer.”. Infere-se que a transição para o ambiente virtual, desprovido da energia e da interação características das aulas presenciais, contribuiu para uma significativa desmotivação tanto para o ensino quanto para a prática da dança em alguns profissionais da dança autônomos de João Pessoa-PB.

Participante 3, que trabalhava com a modalidade FitDance, também menciona a sensação de estranho ao se ver sozinho fisicamente, quando diz: “Mas era meio que estranho, porque dava a entender que eu estava dando aula para mim mesmo em alguns momentos, por conta da nova adaptação da rotina.”

Ainda dentro da subcategoria dos impactos psicológicos, a fala da Participante 3, ao verbalizar “Então era tudo muito novo, e aí tinha um medo, um receio muito grande das coisas”, ecoa um sentimento generalizado no início da pandemia: o medo do desconhecido. A rapidez e a magnitude das mudanças impostas pelo vírus geraram uma atmosfera de incerteza que afetou a saúde mental da população, conforme demonstrado. Para os professores de dança autônomos, esse medo pode ter se manifestado por diversas razões, seja em relação à própria saúde, à continuidade de suas atividades profissionais e à manutenção dos laços com seus alunos em um novo formato.

A necessidade de “Estimular para que as pessoas continuassem. Não só que elas sentissem que estavam aprendendo, mas que elas sentissem que estavam dançando, mesmo estando dançando sozinha na sala de aula. Porque no fim elas estavam sozinhas dançando em casa”, expressa pela Participante 7, revela um aspecto crucial do impacto psicológico: a dificuldade em manter a conexão

emocional e o senso de comunidade inerentes à dança coletiva em um contexto de isolamento. A transição para o ambiente online exigiu dos professores um esforço adicional para motivar seus alunos a persistirem na prática, mesmo diante da solidão da dança individual em suas casas. Essa fala destaca o desafio de passar a energia e a interação do coletivo para o espaço virtual, principalmente na Bachata, dançada a dois, e a preocupação em aliviar os sentimentos de isolamento que poderiam desmotivar os alunos.

A intensidade do impacto psicológico é ainda mais evidente na fala da Participante 4: "Um momento de muito pânico, assim, no sentido eu, principalmente, porque eu estava numa fase de separação, né? Então, tem o lado pessoal." Essa declaração demonstra como a pandemia atuou como um fator de estresse adicional, o que acentuou vulnerabilidades emocionais já existentes. A vivência de um momento delicado na vida pessoal, como uma separação, somada ao contexto de incerteza, medo e isolamento impostos pela pandemia, potencializou os sentimentos de pânico. Essa fala ressalta a importância de considerar a subjetividade das experiências e como eventos globais podem interagir com as histórias de vida individuais, intensificando o sofrimento psicológico.

As falas da Participante 2 trazem à tona uma dimensão preocupante dos impactos psicológicos: o adoecimento mental e o afastamento da profissão entre colegas. Ao relatar que conhecia "amigos dentro da dança e dentro da educação física que entraram em depressão, que hoje são pessoas diagnosticadas com alguma síndrome, que estão tomando remédio, que teve um desfalque tremendo na carreira, no financeiro, que deixaram de atuar porque não foram abraçados pelos profissionais", a participante expõe a gravidade das consequências da pandemia para a saúde mental da comunidade da dança. O sentimento de tristeza expressado em "Mas eu fiquei triste pelos meus amigos que deixaram a carreira. Não voltaram até hoje. Eu acho triste, eu fiquei triste" revela a empatia e a dor diante do sofrimento e da perda de colegas de profissão. Essa fala mostra a necessidade de atenção à saúde mental dos profissionais da dança e o impacto da falta de suporte em momentos de crise.

Por fim, a irritação expressa pela Participante 5 – "foi ruim, porque a gente não podia dar aula, mas ao mesmo tempo os alunos já podiam sair de casa. Então,

na hora da aula, eles não estavam em casa para fazer a aula e também não podiam ir encontrar a pessoa. Nossa, como isso me irritou" – demonstra uma frustração específica relacionada à incompatibilidade das medidas restritivas. A impossibilidade de retomar as aulas presenciais, em dado momento, coincidiu com um período em que a flexibilização permitia que os alunos saíssem de casa, gerando um sentimento de impotência diante da situação. Essa fala demonstra como essas sutilezas das medidas de isolamento social também contribuíram para o desgaste emocional dos professores, que se viam impossibilitados de trabalhar mesmo quando a dinâmica social já dava sinais de retomada.

Os relatos apresentados até aqui evidenciam a profundidade e a diversidade dos impactos psicológicos vivenciados pelos professores e professoras autônomas de dança de João Pessoa em suas aulas coletivas de dança durante a pandemia. Do medo inicial e da ansiedade diante do desconhecido, passando pela dificuldade em manter a motivação e a conexão com os alunos no ambiente online, até o agravamento de questões pessoais e o sofrimento diante do adoecimento de colegas, as falas dos participantes revelam um período de intensa instabilidade emocional. Esses impactos psicológicos, contudo, não foram as únicas consequências da pandemia na vida e na profissão desses trabalhadores.

A seguir, vamos falar sobre como a crise sanitária também gerou impactos físicos, financeiros, interrompeu trajetórias formativas em cursos de graduação dos participantes e, ainda, expôs a vulnerabilidade presente na natureza autônoma dos professores e professoras de dança de João Pessoa-PB.

Dando continuidade à análise dos impactos da pandemia nas aulas coletivas de dança, voltamos agora nosso olhar para as consequências físicas relatadas pelos participantes e pelas participantes. A fala da Participante 4, que trabalha com a modalidade FitDance e Ritmos, ao mencionar que "a gente começou a usar máscara, né? E aquilo ali era terrível, porque primeiro que você ficou um tempo em casa, eu acho que a gente ficou um tempo em casa, uns oito meses, foi por aí. De seis a oito meses, então a gente ficou muito sedentário", toca num ponto importante que é o efeito direto das medidas de isolamento social: a redução drástica da atividade física e o aumento do sedentarismo.

Para profissionais da dança, cujo corpo é o principal instrumento de trabalho, esse período de inatividade forçada pode ter gerado dificuldades no retorno às aulas, perda de condicionamento físico e até mesmo o surgimento de dores e lesões. A adaptação ao ensino online, muitas vezes realizado em espaços inadequados e com menor intensidade física, como será melhor explicitado nos desafios e adaptações realizadas, também contribuiu para essa mudança no padrão de movimento dos professores.

No que se refere aos impactos financeiros, as falas dos participantes revelam um cenário de instabilidade e perdas significativas. O Participante 1 expõe a incerteza dos pagamentos ao afirmar que "Então, o meu salário, de certa forma, não estava garantido, porque para o aluno pagar a mensalidade, ele precisava ter aula". Essa dependência direta entre a realização das aulas e o pagamento das mensalidades colocou os professores e professoras autônomas em uma situação de vulnerabilidade econômica diante da suspensão das atividades presenciais. A Participante 2 detalha a perda total de sua renda com a dança ao dizer que "passei três meses sem ganhar dinheiro". A busca por alternativas para complementar a renda, como a venda de "óleos essenciais e roupas de academia", demonstra a necessidade de adaptação para a sobrevivência financeira durante o período crítico.

A mesma participante complementa a dimensão do impacto financeiro ao relatar que, mesmo mantendo suas duas profissões ("profissional de educação física" e "professora de dança"), precisou recorrer a atividades extras para compensar as perdas. O Participante 3 também aponta para a necessidade de buscar auxílio governamental e a "entrar na onda" do virtual como estratégias para manter a renda: "Porque as que não eram CLT, eu tive que recorrer a programas de governo e entrar na onda do virtual para poder também ter uma ajuda ali, para não perder tudo, né?". Essa fala sublinha a ausência de segurança trabalhista para os autônomos e a importância das iniciativas governamentais como rede de apoio emergencial.

Somado a isso, a Participante 5 ainda traz a desvalorização do trabalho no formato online, ao constatar que "Na minha aula em si, financeiramente foi ruim, né? Porque eu dava aula em vários lugares e atendia vários públicos. E no presencial, até hoje em dia, é cobrado mais do que no online. No online o preço cai, né? Até

hoje". Essa percepção de menor valorização do ensino de dança online persistiu mesmo após a retomada das atividades presenciais, representando um desafio para a sustentabilidade financeira da profissão.

Constata-se que a pandemia representou um obstáculo na formação acadêmica de alguns professores de dança, com potenciais implicações para seu desenvolvimento profissional a longo prazo. A Participante 5 relata a interrupção de sua graduação em Licenciatura em Dança na UFPB: "E aí, tive que sair do curso, né? Teve um tempo que parou, que saiu porque eu fazia o curso de dança na UF". De forma semelhante, o Participante 1 descreve a paralisação de seus estudos devido à inviabilidade de frequentar as aulas presenciais e a sua dificuldade em aderir ao formato online naquele momento:

"Parei de dar aula e inclusive também parei a licenciatura porque até então a licenciatura ela estava de forma semi presencial. Então, como eu estava em Campina, não tinha como estar presente nas aulas na UFPB em João Pessoa e não me sentia à vontade para assistir a aula online. Então também dei uma parada na licenciatura, mas depois de alguns depois de um tempo eu acabei retomando e voltando a fazer a cursar a licenciatura e concluir finalmente".

Essas interrupções representaram um adiamento na formação acadêmica e profissional dos participantes, com potenciais impactos em suas futuras oportunidades de trabalho e desenvolvimento na área da dança.

A diminuição no número de alunos durante a pandemia representou um impacto significativo para os professores e professoras de dança de João Pessoa-PB., conforme relatado pela Participante 2: "Na pandemia, o meu público caiu assim. Acho que foi para todo mundo. E aí, o meu público na pandemia, nas aulas online, foi de 40+. Então, eu perdi o pré-adolescente, adolescente e adulta". Essa queda no número de alunos, especialmente em faixas etárias específicas, pode ter sido motivada por diversos fatores, como a perda de interesse pela dança em um contexto de isolamento ou mesmo a instabilidade financeira das famílias.

A Participante 5, que trabalha com a modalidade de dança do ventre, também percebe a persistência de um receio ou menor procura pelas aulas de dança mesmo após a flexibilização das medidas restritivas: "O fantasma da pandemia ainda ronda a sala de aula. Claro que diminuiu muito, mas ainda existe esse fantasma. Não é do mesmo jeito, não é a mesma procura." Além disso, a

Participante 7 aponta para um agravamento da dificuldade em atrair o público masculino para as aulas de dança de salão:

"Eu não sei se com vocês acontece isso, que talvez, que é o público masculino, né? Que a gente conseguiu acessar ainda menos, que eu acho que nesse momento ainda foi um público que... que se distanciou um pouco mais, que é um desafio, né? Mesmo no presencial, tá trazendo homens pra dança de salão".

Essas observações sugerem que a pandemia pode ter intensificado barreiras culturais ou de interesse para as pessoas nas aulas de dança a depender da modalidade ou, ainda, por questões de gênero.

Por fim, a pandemia escancarou a vulnerabilidade inerente à natureza autônoma da profissão da dança. A reflexão da Participante 7 sintetiza essa fragilidade:

"Mas é muito triste porque a gente fica vulnerável demais a todo o governo que entra, a todo o governo que sai, a todo o grande contexto que acontece mundial como esse, nós ficamos extremamente vulneráveis, né? Enquanto profissional do não formal, enquanto profissional autônomo. Não à toa, geralmente o profissional autônomo de dança, ele não é só profissional de dança, ele tem outras atuações, mesmo que seja na própria dança, né? Então, é isso".

A ausência de vínculos empregatícios formais e de proteções trabalhistas expôs os professores autônomos a um alto grau de insegurança econômica e social diante de eventos inesperados como a pandemia. A necessidade de acumular outras atividades profissionais, mesmo dentro da própria área da dança, para garantir a subsistência, evidencia essa condição de vulnerabilidade estrutural.

Diante do cenário de profundos impactos decorrentes da pandemia de COVID-19, os professores e professoras autônomas de dança de João Pessoa-PB foram compelidos a dançar conforme uma música que nunca ouvida e a confrontar desafios inéditos na condução de suas aulas coletivas. A interrupção das atividades presenciais, somada às consequências psicológicas, físicas e financeiras já discutidas, exigiu desses profissionais uma notável capacidade de reinvenção e a implementação de diversas adaptações para manter viva a chama do amor à dança e o vínculo com seus alunos.

As falas dos participantes a seguir trazem a complexidade desses desafios, sendo as subcategorias: superar as barreiras físicas do distanciamento e a solidão

da sala de aula virtual, dificuldades técnicas com a internet e o som, desvalorização da dança como atividade essencial, particularidades referentes aos alunos e alunas, retorno gradual e a necessidade de readaptar ou criar metodologias e estratégias de ensino em um novo contexto.

A transição para o ensino remoto impôs aos professores de dança o desafio de trazer a energia e a dinâmica da sala de aula presencial para o ambiente virtual, bom, pelo menos foi o que os professores e professoras de João Pessoa-PB buscaram realizar. A barreira física, imposta pelo isolamento social, revelou-se como o primeiro desafio significativo, alterando a experiência tanto para as professoras e professores, quanto para os alunos.

O Participante 1 descreve a sensação de isolamento e de monólogo ao se ver "praticamente dando aula para uma TV", em uma "sala enorme" e com os alunos silenciados na sala virtual, já que os microfones ficavam fechados para não atrapalhar a comunicação do professor. Essa experiência de falar para telas, sem a resposta imediata e a energia contagiante de um grupo presente, desumanizou, em certa medida, o processo de ensino-aprendizagem da dança. A ausência da troca de olhares, dos sorrisos e das reações espontâneas que preenchem uma sala de aula tradicional contribuiu para um sentimento de desconexão e solidão para o professor.

A Participante 2 menciona essa sensação de estranhamento e distanciamento ao mencionar o desafio de "se adaptar e se ver dando aula atrás de uma câmera". A câmera, nesse contexto, transforma-se em uma fria lente que separa o professor de seus alunos, intermediando uma relação que antes era marcada pela proximidade física e pela interação direta. A percepção de estar ensinando para "coisas" e não para pessoas, como sugere a fala, ressalta a dificuldade em estabelecer uma conexão genuína e em sentir a presença e o engajamento da turma através da tela. A profundidade desse desafio é ainda mais sensível no relato do Participante 3:

"Dar aula sem contato, por isolamento, é muito estranho. Porque acostumado com o corpo a corpo, o diário, o toque, o abraço, o afeto, estar ali, ouvir o aluno ao seu lado gritar, brincar, sorrir, é diferente do que ver por vídeo, do que falar e ter um delay para poder chegar. E não falar assim, cara a cara."

O uso da tecnologia, apesar de reduzir distâncias, na verdade, é sentido com um certo espaço vazio, dificultando a troca de ideias e sentimentos. Sem poder

corrigir um movimento com um toque suave, sentir a energia do grupo vibrando junto, e até mesmo o delay na comunicação online, que impede a espontaneidade do diálogo "cara a cara", transformaram a dinâmica da aula em algo "muito estranho" e menos eficaz na perspectiva dos professores de dança de João Pessoa-PB e foi um desafio difícil de transpor.

A Participante 6 complementa essa perspectiva ao expressar a dificuldade em "[...]fazer o mesmo trabalho. Da mesma forma[...]" com cada um em sua própria casa e ela na sua. A distância física não apenas limitou a capacidade do professor de interagir e guiar os alunos de maneira tradicional, mas também impactou a própria essência da experiência da dança coletiva, que reside na sincronia, na troca de energia e na construção de um aprendizado compartilhado no espaço.

Superada essa barreira física imposta pelo isolamento, os professores e professoras autônomas de dança de João Pessoa-PB depararam-se com uma série de desafios de ordem tecnológica e operacional nesse novo ambiente de sala de aula. Para quem não tinha domínio das tecnologias e ferramentas digitais, acabou tendo que aprender e se familiarizar com esse universo. Além disso, a instabilidade da conexão de internet e as limitações das plataformas virtuais emergiram como obstáculos significativos que impactaram a qualidade do ensino e a própria viabilidade das aulas online.

A inexperiência com o universo digital foi um entrave inicial para muitos, como explicita a Participante 4: "Os desafios eram a própria tecnologia, o uso do celular, aprender a mexer com live, aprender a mexer mais com essa parte digital, que eu não sabia. Foi um desafio." A necessidade de dominar rapidamente novas plataformas, funcionalidades de transmissão ao vivo e configurações de áudio e vídeo representou uma curva de um novo aprendizado para profissionais que, até então, focavam suas capacitações no movimento corporal e na interação presencial. Essa falta de familiaridade com a tecnologia não apenas consumiu tempo e energia, mas também gerou frustração e insegurança em relação à própria capacidade de conduzir as aulas online de forma eficaz, como fora visto nos impactos sentidos por tais profissionais.

Um dos desafios tecnológicos mais recorrentes mencionados pelos participantes foi a qualidade e a estabilidade da conexão de internet. A Participante

2 conta sobre essa dificuldade: "O desafio é ter um bom pacote de internet que eu não tinha. A minha internet era horrível." A internet de qualidade é uma condição essencial para quem busca dar aulas no universo online, pois uma conexão precária inviabiliza a transmissão fluida das aulas, causa muitas interrupções, travamentos e perda de sincronia entre a imagem e o som, gera estresse para o profissional e para o aluno ou aluna que pode, a qualquer momento, simplesmente, se desligar da sala. Esses problemas técnicos não apenas prejudicavam a experiência de aprendizado dos alunos, mas também exigiam um esforço adicional do professor para contornar as falhas e manter o engajamento da turma.

Além da questão da conectividade, as limitações operacionais das plataformas online também se apresentaram como desafios. A Participante 2 relata a restrição de tempo imposta por uma plataforma: "Aí a gente só podia dar 50 minutos de aula porque ele não liberava uma hora. No meu caso, né? Aí eu tinha que enxugar." A necessidade de adaptar o planejamento da aula a um tempo limitado, imposto por fatores externos, exigiu dos professores a habilidade de sintetizar o conteúdo e priorizar os elementos essenciais da prática da dança. As readaptações e criações de novas metodologias serão abordadas mais à frente, quando estivermos discutindo as adaptações realizadas pelos participantes da pesquisa.

Ainda nesta subcategoria de desafios tecnológicos e operacionais, temos a conexão e a qualidade do som, fundamental para o ensino da dança, que depende intrinsecamente da música e do ritmo. A Participante 2 descreve essa dificuldade como a "pior parte":

"Conectar o som para chegar do outro lado para os meus alunos. Eu acho que o som, a música, o sonoro foi mais doloroso. Tipo assim, o aprender, sim, também. Mas assim, de conectar a música. Às vezes eu não estou escutando a música, não tem música."

As barreiras técnicas para garantir que a música fosse ouvida com clareza pelos alunos, sem distorções ou interrupções, representaram um obstáculo significativo, comprometendo a experiência musical e rítmica da aula. Já o Participante 3 oferece uma visão geral dos desafios tecnológicos e operacionais enfrentados:

"Era um processo mais lento, tinha que adaptar o espaço, tinha que ver a melhor localização da câmera para poder posicionar, luz, fundo,

ver se elas estavam vendo direitinho, internet, se a internet estava boa do lado de lá e do meu lado também, se não travava, às vezes travava muito, e eu tinha que repetir a música algumas vezes, pedir para que elas dessem um feedback.”

Diferente de chegar na sala de aula, ligar o som e já começar a sua aula de dança no presencial, o universo online tinha outra sistemática, seguida de adaptação do espaço doméstico para se tornar um estúdio improvisado, a preocupação com a iluminação e o fundo da imagem, o constante monitoramento da conexão de internet de ambos os lados da tela e a necessidade de solicitar feedback constante dos alunos e alunas para saber se estão conseguindo ver e ouvir bem, compreender o que estava sendo ensinado e ter sincronia, tudo isso mostra a complexidade operacional do ensino de dança online.

Avançando pela subcategoria dos desafios, chegamos aos desafios relacionados aos alunos e alunas. O primeiro deles é a perspectiva dos alunos e alunas em relação à dança, frequentemente vista como uma atividade de lazer ou entretenimento e, portanto, dispensável ou não essencial, pela ótica do professor ou professora de dança. Em um contexto de instabilidade financeira generalizada, a tendência de considerar as aulas de dança como dispensáveis levou a uma redução na procura e à evasão de alunos, impactando diretamente a renda e motivação desses profissionais.

O Participante 1 expressa essa percepção de forma clara: "Mas por exemplo quando o bolso aperta a primeira coisa que ele corta é a aula de dança, porque na cabeça da sociedade a aula de dança, ela é um lazer. Então, quando a gente, quando o bolso aperta, a gente corta o lazer." Essa fala nos revela não apenas a visão social da dança como uma atividade não essencial, mas também a difícil realidade econômica enfrentada pelos próprios alunos e alunas, que priorizam gastos básicos em alimentação, moradia, educação e saúde, por exemplo, mas não conseguem custear e ter acesso aos demais direitos fundamentais, como é o lazer. Fica sempre em segundo plano e visto como supérfluo. A instabilidade financeira, portanto, atuou em duas frentes: diminuindo a capacidade dos alunos de investir em aulas de dança e reforçando a ideia de que essa prática poderia ser facilmente interrompida em momentos de crise.

A Participante 7 traz o mesmo desafio frente aos alunos e alunas: “Eu acho que o desafio maior é que dança ainda é um lugar de entre aspas entretenimento, para o nosso entendimento geral. E entre fazer aula de dança e comer ou pagar contas básicas, então teve um corte.” A priorização de necessidades básicas em detrimento de atividades culturais e de lazer, intensificada pela crise econômica decorrente da pandemia, colocou os professores de dança em uma posição delicada, competindo por uma parcela cada vez menor do orçamento familiar de seus potenciais alunos e alunas.

Além da questão financeira e da percepção da dança como lazer, a Participante 7 também aponta para o desafio de convencer o aluno ou aluna da qualidade do serviço online de dança e mantê-lo estimulado durante a prática:

“a pessoa até tinha dinheiro para investir, mas dizia, ah não, aula de dança online, não tem graça. Ou então quem estava com a gente, tinha dias que a gente abria a câmara e as pessoas estavam meio assim, meio... Então passar essa sensação de prazer, de conhecimento, de estímulo, de coletivo que você tem no presencial, era um desafio.”

Defender que o seu trabalho é digno e merece o investimento da pessoa é uma função presente para os profissionais autônomos da dança. Além de fazerem o papel de professores, precisam saber “vender seu peixe” para os novos e antigos alunos e alunas.

Para aqueles que estavam iniciando a carreira pouco antes da pandemia, como a própria Participante 7, o desafio de formar uma turma online foi ainda maior: “Mas ao mesmo tempo foi difícil, porque falando da gente particularmente, a gente não tinha ainda muito... a gente não era muito conhecida.” A falta de uma base de alunos consolidada e de reconhecimento no meio da dança dificultou a atração de novos estudantes para um formato de ensino que ainda gerava desconfiança e resistência. E faz total diferença, pois a Participante 4 demonstra muita gratidão e alívio por ter mantido seus alunos e alunas do presencial também no online, quando diz: “Eu acho que eu só consegui passar por essa situação porque eu tinha já um público já conquistado de pessoas antes da pandemia e essas pessoas não soltaram a minha mão. Foi só por isso.”

A resistência inicial dos alunos e alunas ao próprio formato das aulas online foi outro obstáculo significativo, conforme relatado pela Participante 4: “Também era

um desafio convencer as pessoas que a aula online ia dar certo, né? Era uma coisa que ninguém nunca imaginou, como é que a pessoa ia dançar numa tela de celular, né? Não existe isso, não existia isso." A novidade e a falta de familiaridade com o ensino de dança online geraram ceticismo em muitos potenciais alunos, que não conseguiam visualizar como a prática da dança poderia ser efetiva através de uma tela, exigiram, portanto, dos professores um esforço redobrado para engajar os alunos e evitar a evasão. Mas, se nem mesmo alguns profissionais enxergavam isso, como conseguir manter os alunos interessados?

A falta de estímulo e o desinteresse dos próprios alunos durante as aulas online representaram um desafio desmotivador para os professores, como descreve a Participante 6: "O maior desafio foi a falta de estímulo, né? Delas. E meu mesmo. Porque elas fechavam, principalmente as adolescentes e crianças. Fechavam o vídeo, a gente não via. A gente não conseguia corrigir direito. Então, isso foi uma das razões, foi desestimulando muito." A dificuldade em monitorar o progresso dos alunos com as câmeras desligadas e a menor participação nas aulas online minaram a energia e a motivação tanto dos estudantes quanto dos professores, comprometendo a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Dando sequência à análise dos desafios enfrentados pelos professores autônomos de dança de João Pessoa-PB durante a pandemia, chegamos aos desafios metodológicos das aulas coletivas de dança online relatados pelos participantes. Foram mencionados desafios relacionados à gestão do tempo, a clareza dos objetivos, a intensidade da prática, a avaliação do aprendizado, a correção dos movimentos e a oferta de feedback individualizado, como pontos metodológicos que precisaram ser repensados e adaptados para o ambiente virtual.

A própria gestão do tempo da aula tornou-se um desafio no contexto online, como aponta a Participante 5: "Tive que aprender a administrar de novo o tempo, porque o tempo do online é outro tempo. Não é o mesmo tempo do presencial. É outro tempo completamente diferente." A dinâmica temporal da aula presencial era marcada pela simultaneidade e mostrou-se distinta no ambiente virtual, influenciada por fatores como a qualidade da internet, a necessidade de repetir instruções, parar mais vezes a aula e a menor capacidade de manter a atenção dos alunos diante da tela.

A definição e o alcance dos objetivos da aula também foram impactados pela transição para o online. A Participante 5 relata que "Os resultados do online estão bem mais lentos, bem mais lentos, porque presencial os resultados são bem mais rápidos dos alunos". A ausência da correção física imediata, a dificuldade em observar os alunos em sua totalidade e a menor intensidade da prática em espaços domésticos limitados contribuíram para um ritmo de aprendizado mais lento e, por vezes, menos eficaz, na perspectiva dos professores e professoras de dança de João Pessoa, em comparação com o ensino presencial.

De fato, a diminuição da intensidade foi outro desafio. O ambiente doméstico, geralmente, não é um ambiente pensado e construído para aula de dança, além de pequeno e com obstáculos como os móveis e demais pessoas e animais que moram naquele local, possuem diversas distrações, questões de temperatura e piso inadequados e isso impõe limites à amplitude dos movimentos e à energia despendida durante a prática. Soma-se a isso a questão da poluição sonora e das interrupções familiares, como relatado pelo Participante 1: "E aí, era uma zoada. E aí, além da zoada de lá, era minha avó lavando o prato. Meu cachorro latindo. Gente passando no meio da rua com um carro de som vendendo coisa. Então, assim, tudo atrapalhava." Esse cenário doméstico caótico dificultava a concentração e a imersão na aula, tanto para o professor quanto para o aluno, impactando a intensidade e o foco da prática.

A avaliação do aprendizado e a oferta de correção e feedbacks representaram desafios metodológicos complexos no ambiente online. A dificuldade em visualizar os alunos em sua totalidade, especialmente quando as câmeras estavam desligadas, limitou a capacidade do professor de identificar erros e fornecer orientações precisas. A Participante 6 expressa essa frustração: "Porque elas fechavam, principalmente as adolescentes e crianças. Fechavam o vídeo, a gente não via. A gente não conseguia corrigir direito. Então, isso foi uma das razões, foi desestimulando muito." A ausência do contato visual direto e da possibilidade de intervenção física para ajustar a postura ou o movimento exigiu dos professores a busca por novas estratégias de avaliação e feedback.

A linguagem e os processos pedagógicos específicos da dança utilizados no presencial se mostraram insuficientes para o ambiente virtual e isso também se

mostrou um desafio metodológico significativo. A Participante 7 ilustra essa dificuldade ao mencionar que "Nesse processo da pandemia, é que a gente teve que encontrar formas de se fazer entender. Então essa coisa só de perna direita, perna esquerda, que às vezes as pessoas já no presencial têm dificuldade, e na pandemia não funcionou, porque era espelhado a imagem." A necessidade de considerar a inversão da imagem na tela e de encontrar novas formas de transmitir conceitos e sensações corporais também foi relatada por ela: "A gente tinha que encontrar formas da pessoa sentir a sensação para ela experimentar no corpo. E aí isso era um desafio."

Para finalizar a subcategoria dos desafios enfrentados pelos professores autônomos de dança de João Pessoa-PB, durante e após o período mais crítico da pandemia, o retorno gradual ao ensino presencial apresentou suas próprias complexidades. Longe de ser um retorno à normalidade imediato, essa fase foi marcada por restrições, incertezas, instabilidade dos protocolos de saúde e pela necessidade de gerenciar as expectativas e os receios tanto dos professores quanto dos alunos.

O Participante 3 descreve a frustração com a limitação do número de alunos permitidos nas aulas presenciais: "Você se via um pouco frustrado, porque uma hora eu estou com 30 pessoas, uma hora eu só estou com 10 ou 8 pessoas. E esse é o máximo que eu poderia levar para a sala, porque era o que era permitido." Essa restrição, imposta pelas medidas de segurança sanitária, impactou a dinâmica das aulas, a receita dos professores e, por vezes, gerou a sensação de um retorno incompleto, muito abaixo do potencial das turmas.

A necessidade de explicar e justificar as medidas restritivas aos alunos também se configurou como um desafio do retorno gradual ao presencial para os professores, conforme relata o Participante 3: "Lógico que gerava reclamação, lógico que gerava desconforto, lógico que alguns alunos não entendiam, mas a gente como profissional, a gente tem que chegar lá e explicar o porquê." A comunicação clara e a paciência foram essenciais para lidar com a insatisfação e a falta de compreensão por parte de alguns alunos em relação às normas de distanciamento, ao uso de máscaras e à limitação do número de participantes.

A inconsistência e a instabilidade das próprias diretrizes sanitárias e dos protocolos de saúde adicionaram outra camada de complexidade ao retorno presencial, como detalha o Participante 3: “Esse é um ponto bem importante, a volta gradativa, até poder liberar 100%, que demorou, até poder liberar a máscara, aí liberou, depois parou, aí voltou de novo, depois voltou de novo a máscara.” Essa oscilação nas regras, com períodos de flexibilização seguidos por novas restrições, gerou confusão e dificultou o planejamento a longo prazo por parte dos professores e a própria readaptação dos alunos ao ambiente presencial.

O medo da contaminação também se manteve como um fator relevante, influenciando a decisão dos alunos em retornar às aulas presenciais, como aponta a Participante 4: “E muita gente também tinha medo de retomar, então eram pouquíssimos alunos no recomeço. Sim. Só que depois da vacina.” O receio de contrair o vírus, seja por si ou por um familiar de grupo de risco, mesmo com a implementação de protocolos de segurança, fez com que muitos alunos não voltassem imediatamente às aulas presenciais, resultando em turmas reduzidas e em um reinício lento e gradual das atividades presenciais. A vacinação, conforme mencionado, foi crucial, aumentando a confiança e a adesão ao retorno.

E, por fim, para lidar com esses desafios, as pessoas que participaram do presente estudo realizaram diversas adaptações, divididas nas seguintes subcategorias: erro e acerto, buscar auxílio seja com profissionais e amigos da área, seja com profissionais da área de saúde mental, seja recorrendo a estudos e capacitações, metodológicas, estratégias para alcançar alunos e alunas internacionais, aflorar a criatividade, medidas para o retorno presencial. Tudo para preservar a essência da dança e a conexão com seus alunos, demonstrando a resiliência e a capacidade de inovação desses profissionais frente à crise pandêmica.

Um ponto fundamental desse processo adaptativo foi a tentativa e erro, reconhecida pela Participante 2: “As adaptações... Foi no erro mesmo. Eu passei meses errando, meses errando.” A ausência de um manual preexistente para o ensino de dança online exigiu dos professores uma postura experimental, aprendendo com os equívocos e ajustando suas abordagens ao longo do tempo.

A busca por auxílio e conhecimento também se mostrou crucial. A Participante 7 trabalha com a modalidade de dança de salão e não ministrava as aulas sozinha, mas sim com sua parceira e enfatiza a importância do estudo e da troca de experiências:

“Foi um período que a gente avançou muito nos nossos estudos. A gente assistia a aulas online, a gente fazia treinos online, a gente treinava com boneco, treinava com... fazia ensaios, então eu explicava para ela, ela explicava para mim, para a gente encontrar formas do aluno entender melhor.”

Esse apoio entre colegas de profissão também foi fundamental para a Participante 2: “De correr atrás dos meus amigos e dizer “eu não sei fazer isso, não vou conseguir”. Eu falava várias vezes que eu não ia conseguir, que eu não me via naquela situação, naquela experiência, naquele desafio, em tudo.” Além disso, a busca por suporte em saúde mental, como a terapia online mencionada pela mesma participante (“Eu pirei, comecei a fazer terapia online também...”), demonstra a preocupação com o bem-estar emocional em um período de grande instabilidade. Não negar suas próprias emoções e o que estava passando ao redor e se reconhecer enquanto uma pessoa que precisa de apoio e ajuda foi fundamental.

No âmbito das adaptações metodológicas, diversas estratégias foram implementadas. A Participante 7, que trabalha com dança de salão, descreve a manutenção da estrutura básica da aula presencial, adaptando os recursos disponíveis no ambiente doméstico: “A gente seguia essa lógica. Como que a gente ia fazendo isso? Utilizando a parede, utilizando um cabo de vassoura, utilizando uma bolinha que você tinha no chão, utilizando um papel para fazer a dinâmica diferenciada.” A redução do tempo de aula foi uma adaptação prática diante das limitações das plataformas online, como mencionado pela Participante 2: “Um plano de aula que eu tinha de uma hora, eu tive que reduzir a 45.” A intensidade das aulas também foi ajustada, considerando o contexto de estarem todos em casa e as preocupações com a saúde, como explica a Participante 4: “a aula não tinha a mesma intensidade que tinha na parte presencial, né? Como era uma aula online, era uma aula mais calma, mais tranquila...”

A exploração de diferentes plataformas e recursos online foi outra adaptação metodológica relevante. O Participante 3 utilizou aulas ao vivo e gravadas em diferentes plataformas: “Eu tinha duas aulas na semana que eram ao vivo e uma eu

deixava gravada, geralmente elas usavam no fim de semana.” e complementa depois: “Eu usei o Instagram, o Instagram fechado, para fazer de modo ao vivo, e o YouTube para gravar e deixar lá.” A participante 7 criou um material complementar online e se mantinha à disposição dos alunos e alunas para tirar dúvidas: “às vezes a gente gravava vídeos com a explicação, a gente estava sempre aberta para o pessoal tirar dúvida. Fizemos material online também no Instagram, no YouTube, então foi um desafio, mas eu digo que foi um desafio positivo”.

Além disso, houve uma ampliação do repertório de comunicação com os alunos, utilizando-se de metáforas e figuras de linguagem para que os alunos pudessem entender as movimentações com mais facilidade, como bem afirma a participante 7: “Então a gente tinha que andar de outros artifícios, de muita metáfora, de muita figura de linguagem, de muita comparação.”.

Alguns professores e professoras de dança autônomos, como a Participante 5, realizaram reformulações pedagógicas significativas, criando novas metodologias que valorizavam a consciência corporal e o autocuidado:

“Então, a grande mudança de uma metodologia para a outra foi o ponto de partida. Porque o ponto de partida do primeiro jeito que eu dava antes da pandemia, ia muito dos passos e dos códigos. E depois da pandemia, vinha a partir do corpo e das sensações. Percebidas pelo aluno na construção do movimento.”

A mesma participante também adotou estratégias para manter o engajamento dos alunos, como antecipar partes da coreografia e enviar mensagens motivacionais para a turma. O planejamento e o ensaio prévio das aulas também foram adaptações importantes para garantir a qualidade do ensino online, como relatado pela participante 7: “A gente fazia sempre reuniões antes para preparar a aula, para ensaiar, para treinar, para tirar dúvidas. Então, ensaiávamos uma para a outra. Aí, eu dizia assim, ah, não, isso aqui eu não estou entendendo, explica de outro jeito. Os alunos não vão entender, melhora.”. Seguidos de uma avaliação contínua das próprias aulas, como a troca de impressões entre a Participante 7 e sua parceira demonstra a busca constante por aprimoramento.

A criatividade floresceu como uma importante ferramenta de adaptação. A Participante 6 relata o foco na criação coreográfica: “A gente criou um espetáculo. E esse espetáculo foi assim, 80% dele foi online. Não foi que ele foi apresentado online. Ele foi apresentado no palco, mas ele foi criado online.” Nesse sentido, a

Participante 7 também menciona a criação de amostras e coreografias para motivar os alunos: “A gente criou a primeira amostra do bachata delas, a gente fez. Então a gente criou uma coreografia para o pessoal aprender e eles fazerem vídeos e a gente postar no Insta para eles se sentirem com uma roupa diferente e tal.”.

Para alcançar um público maior, alguns professores exploraram o potencial do ensino online para ultrapassar as barreiras geográficas, como a Participante 5: “Eu acabei arrumando alunas de outros países e continuo ministrando aulas online até hoje.” Essa adaptação não apenas representou uma nova fonte de renda, mas também demonstrou a capacidade da dança online de conectar pessoas de diferentes culturas e localidades. A Participante 5 percebeu uma mudança positiva em sua própria dança e na de seus alunos com a nova metodologia.

Por fim, o retorno ao presencial exigiu novas adaptações, focadas nas medidas de segurança sanitária, como o distanciamento físico, o uso de máscaras e a higienização, detalhadas pelo Participante 3:

“A gente tinha que delimitar o espaço, um metro de distância. A bolinha, não podia ter contato, todos tinham que usar máscara. O álcool em gel antes de entrar na sala, tinha que passar na mão de todo mundo. A aula tinha que ter um ritmo menos acelerado, por conta da utilização da máscara, as máscaras tinham que ser descartáveis. Após o uso das aulas, a galera tinha que trocar a máscara, depois de terminar as aulas, tinha que trocar a máscara para poder sair da academia.”

A Participante 4 também menciona a adaptação ao uso da máscara durante as aulas presenciais: “a gente volta com aquela máscara, né? E aquilo ali era terrível, que a gente não podia nem respirar um pouco, não tinha o que se acostumar, então foi uma nova adaptação física”. De fato, não podíamos ficar retirando a máscara para respirar, a temperatura subia, o suor molhava o EPI, precisávamos dar o exemplo aos alunos e alunas, o cansaço aumentava e ficava difícil dos alunos e alunas entenderem os comandos verbais. Para aqueles que não conseguiram se adaptar ao online, como o Participante 1, o retorno presencial representou um recomeço, exigindo a reconquista dos alunos em um novo cenário pós-pandêmico: “Então é todo um processo do zero mesmo assim para conquistar o aluno. E além de tudo isso é conquistar o aluno daquela mesma forma que eu fazia antes da pandemia”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os impactos da pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores e professoras de dança autônomos de João Pessoa-PB. Inicialmente, elaborou-se uma revisão de literatura com a finalidade de contextualizar o leitor ou leitora acerca da temática, onde foram abordados os seguintes temas: 1) Pandemia da COVID-19 e mudanças sociais, 2) Quem é a professora ou professor autônomo na dança?, 3) A metodologia de aula de dança antes e durante a Pandemia da COVID-19.

Com relação ao objetivo específico, qual seja, identificar os desafios e adaptações enfrentados pelos professores de dança na pandemia da COVID-19, os resultados apontaram que as professoras e professores autônomos de dança de João Pessoa tiveram que superar as barreiras físicas do distanciamento e a solidão da sala de aula virtual, lidar com as dificuldades técnicas com a internet e o som, superar a desvalorização da dança como atividade essencial, tratar as particularidades referentes aos alunos e alunas, entender e vivenciar o retorno gradual e se readaptar ou criar metodologias e estratégias de ensino em um novo contexto nunca antes vivenciados.

As adaptações por eles realizadas, em resumo, foram: agir na tentativa “erro e acerto”, buscar auxílio seja com profissionais e amigos da área, seja com profissionais da área de saúde mental, seja recorrendo a estudos e capacitações, realizar modificações metodológicas, criar estratégias para alcançar alunos e alunas internacionais, aflorar a própria criatividade e adotar medidas para o retorno presencial.

O segundo objetivo específico era descrever as principais mudanças no ensino de aulas coletivas das professoras e professores de dança autônomos na pandemia da COVID-19. Observou-se, inicialmente, uma reconfiguração da estrutura das aulas, com a manutenção de elementos essenciais do ensino presencial específicos de cada modalidade, porém adaptados ao ambiente doméstico e às limitações tecnológicas. A redução da duração das aulas e o ajuste da intensidade foram pontos citados pelos participantes da pesquisa e refletiram a preocupação com o bem-estar dos alunos e as particularidades do formato online.

Além disso, a utilização de diversas plataformas e recursos digitais também foram estratégias para dar continuidade ao ensino, com a utilização de aulas ao vivo, gravadas e materiais complementares online. Mas apenas realizar as aulas e fornecer os materiais não se mostrou suficiente para os professores e professoras de dança autônomos de João Pessoa, foi necessário ampliar o repertório de comunicação, fazendo uso de metáforas e figuras de linguagem para facilitar a compreensão dos alunos e alunas em meio à distância imposta.

Em um nível mais profundo, alguns participantes implementaram criação de nova metodologia, deslocando o foco dos passos e sequências coreográficas regidos pelo professor ou professora, para a consciência corporal e as sensações individuais, a autonomia do aluno ou aluna em se observar e se cuidar, como ponto de partida para a construção do movimento, mostrando preocupação com o autocuidado e a experiência individual das alunas.

O presente estudo também destacou a importância do planejamento e ensaio prévio das aulas online, bem como a avaliação contínua das práticas pedagógicas, demonstrando um compromisso com a qualidade do ensino mesmo em um contexto de crise sanitária de alcance internacional. Estratégias para manter o engajamento dos alunos, como a antecipação de conteúdo e o envio de mensagens motivacionais no Whatsapp, também se mostraram relevantes. Além de realizar atividades que saíssem da rotina de aulas como criação de amostras e espetáculos com os alunos e alunas.

Os resultados das entrevistas realizadas com os professores e professoras autônomas de dança de João Pessoa-PB confirmam duas das três hipóteses iniciais desta pesquisa. A pandemia da COVID-19, de fato, impôs desafios consideráveis à prática profissional dos professores e professoras autônomas de dança, demandando adaptações em suas metodologias, na relação com os alunos e em seus modelos de negócio.

Os relatos evidenciaram também os impactos negativos não apenas na saúde física e mental dos profissionais, mas também na precarização de suas condições de trabalho, a incerteza do futuro e da profissão, marcada pela redução da renda, pela necessidade de renda extra ou apoio e auxílio de políticas governamentais, pela interrupção das aulas presenciais, seguida de diminuição da

procura e pela necessidade de investir em recursos tecnológicos, dentre outros impactos mencionados ao longo da pesquisa.

É extremamente preocupante observar que os professores e professoras de dança autônomos de João Pessoa, que já enfrentavam dificuldades inerentes da profissão antes do advento da pandemia da COVID-19, vivenciaram uma gama de impactos psicológicos e adoecimentos psíquicos, abandono de carreira, fechamento do próprio negócio, interrupção de cursos de graduação em Dança, vulnerabilidade na renda, dentre outros impactos profundos em razão da pandemia da COVID-19. Carecendo de mais estudos envolvendo especificidades como: modalidade de dança, tempo de carreira e idade dos profissionais da dança, gênero, raça, classe social e etc.

Contrariamente à hipótese que previa uma maior valorização da dança e uma expansão do público, os professores descreveram desafios relacionados à evasão de alunos, a dificuldade em manter a motivação e consolidar novas turmas, bem como a persistente percepção da dança como uma atividade de lazer dispensável em momentos de crise, apesar de, sim, em partes, alguns professores e professoras terem conseguido se manter no online até os dias atuais e expandir seu público para uma esfera internacional.

Em conclusão, a pandemia da COVID-19 causou impactos profundos aos professores e professoras de dança autônomos de João Pessoa-PB, demandando adaptações complexas nas aulas coletivas ministradas por eles e expondo a fragilidade da profissão. Apesar da resiliência demonstrada e das inovações implementadas, os impactos negativos em suas condições de trabalho e bem-estar são inegáveis. Este estudo serve, portanto, para destacar a necessidade urgente de um olhar mais atento e de ações concretas para apoiar e valorizar esses profissionais, cuja contribuição para a cultura e a saúde da comunidade é fundamental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

CONTREIRAS, Clarice Nunes Muniz. **Mercado de trabalho e perfil profissional: egressos da Escola de Dança/UFBA**. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

GABRIELLI BOAVENTURA, M. A.; BATISTA MACHADO, A. M. **Pandemia da Covid-19: o ensino remoto e o trabalho do professor de dança**. *Cena*, [S. l.], v. 22, n. 38, p. 01–09, 2022. DOI: 10.22456/2236-3254.125192. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/125192>. Acesso em: 22 out. 2024.

KATZ, Helena. Pandemia: porque não usar. *Logos*, [S. l.], v. 27, n. 2, 2020. DOI: 10.12957/logos.2020.54469. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/54469>. Acesso em: 21 abr. 2025.

NASCIMENTO, M. E. B. do *et al.* Efeitos do isolamento social na saúde mental durante a pandemia. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 94–103, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n12p94-103. Disponível em: <https://bjihis.emnuvens.com.br/bjihis/article/view/4590>. Acesso em: 20 abr. 2025.

PARAÍBA (Estado). Decreto nº 40.134, de 20 de março de 2020. Declara estado de calamidade pública, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000, em razão da grave crise de saúde pública decorrente da pandemia do Coronavírus. **Diário Oficial do Estado da Paraíba**, João Pessoa, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pb/decreto-n-40134-2020-paraiba-declara-estado-de-calamidade-publica-para-os-fi-ns-do-art-65-da-lei-complementar-n-101-de-04-de-maio-de-2000-em-razao-da-grave-crise-de-saude-publica-decorrente-da-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em: 22 out. 2024.

PASSINI, Eduardo Souza; PINHEIRO, Suane Silva; MAKEWITZ, Gabriela Gomes; KNORST, Sofia Laís; GIONGO, Carmem Regina. SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES NA PANDEMIA POR COVID-19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA INTERNACIONAL. **Trabalho (En)Cena**, Palmas-TO, Brasil, e023015, 2023. doi: 10.20873/2526-1487e023015.

PERES, Anderson Santos; ROSA, Marcelo Victor da; LINO, Adriana Cristiane Lopes. NO CONTEXTO DE FLEXIBILIZAÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19: AULAS DE DANÇAS DE SALÃO NO PROJETO DE EXTENSÃO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 11, n. 27, p. 439-451, abr./jun. 2024

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer**. Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M. de; MELO, M. S. T. de; SANTIAGO, M. E. **A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física Escolar**. Movimento, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 29–47, 2010. DOI: 10.22456/1982-8918.11546. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11546>. Acesso em: 17 out. 2024.

SOUSA, Livia Holanda de. Isolamento social, estresse e memória: os impactos da pandemia de covid-19 no cérebro adulto. 2024. 35 f. Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2024.

TERTULIANO, Crisllyayne Maria Dos Santos; SANTOS, Roseane Firmino Dos. **SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR: O IMPACTO SOCIAL DA COVID-19**. *Ciências Sociais Aplicadas*, Serviço Social, v. 28, ed. 134, maio 2024. DOI: 10.5281/zenodo.11200104. Disponível em: <https://revistaft.com.br/saude-mental-e-bem-estar-o-impacto-social-da-covid-19/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ANEXOS / APÊNDICES

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Impactos da pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB

Caro participante,

A estudante do Curso de Bacharelado em Educação Física, GIULLIA ELIZABETH SANTOS DE LIMA MARQUES, da Universidade Federal da Paraíba, pretende realizar um estudo com as seguintes características: o objetivo geral se trata de analisar quais os impactos da Pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB. Solicitamos a sua colaboração para participar da coleta dos dados através de entrevista semi-estruturada, também é solicitada a sua autorização para que os dados possam constar em uma monografia de conclusão de graduação em Educação Física. Além disso, pedimos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Será garantido aos mesmos o sigilo e confidencialidade das informações individuais e que só dados globais serão divulgados à comunidade acadêmica e demais públicos, conforme as normas para a realização de Pesquisas com Seres Humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 (BRASIL, 2013)

Informamos que os benefícios do estudo análise dos impactos da pandemia nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos, auxiliando esses profissionais em possíveis futuras situações emergenciais, ao enriquecimento do campo cultural com novas práticas pedagógicas e o uso de tecnologias que vieram a surgir como resultado da pandemia, além de fornecer subsídios para a elaboração de políticas públicas que visem apoiar tais profissionais da cultura, inclusive no desenvolvimento de programas e iniciativas que garantam a continuidade das atividades culturais. Os riscos da pesquisa serão mínimos e relacionados com possíveis memórias desagradáveis relacionadas a determinadas perguntas da entrevista e que serão minimizadas pela pesquisadora na coleta de dados conforme preparação prévia e orientações aos participantes sobre como se dará a entrevista.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora GIULLIA ELIZABETH SANTOS DE LIMA MARQUES - Telefone: (83)98760-0603.

Endereço: Castelo Branco, s/n. Campus Universitário. Departamento de Educação Física.

ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS – UFPB

Endereço: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

2. Termo de anuência para Coleta de Dados

TERMO DE ANUÊNCIA PARA COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



TERMO DE ANUÊNCIA PARA COLETA DE DADOS

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora GIULLIA ELIZABETH SANTOS DE LIMA MARQUES, a desenvolver nas instalações do Laboratório Laistheses do Departamento de Educação Física e do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, o seu projeto de pesquisa intitulado: IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS AULAS COLETIVAS DO PROFESSORES DE DANÇA AUTÔNOMOS DE JOÃO PESSOA-PB, que está sob a orientação do Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, do Departamento de Educação Física desta Universidade, cujo objetivo será analisar os impactos da pandemia da covid-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB. Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 CNS e suas complementares, comprometendo-se o mesmo a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos profissionais e desta instituição.

Antes de iniciar a coleta de dados o pesquisador deverá apresentar a esta entidade o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

João Pessoa, 28 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br FERNANDO JOSE DE PAULA CUNHA
Data: 28/11/2024 22:23:04-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Chefia do Departamento de Educação Física

FERNANDO JOSE DE PAULA CUNHA

3. Certidão do Departamento de Educação Física

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CERTIDÃO

Certifico que o Departamento de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, aprovou a realização do Projeto de Pesquisa para desenvolvimento de trabalho de conclusão final de curso (TCC), intitulado: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS AULAS COLETIVAS DOS PROFESSORES DE DANÇA AUTÔNOMOS DE JOÃO PESSOA-PB, que será desenvolvido pelo (a) aluno: GIULLIA ELIZABETH SANTOS DE LIMA MARQUES, Matrícula nº 20200142630 (a), sob a orientação do Professor Doutor IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA, docente do Departamento de Educação Física.

João Pessoa, 28 de novembro de 2024.

 Documento assinado digitalmente
FERNANDO JOSÉ DE PAULA CUNHA
Data: 28/11/2024 22:21:39-0300
Verifique em <https://validar25.gov.br>

Assinatura do Chefe do Departamento (Via SIPAC)

Matrícula nº

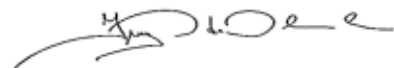
4. Termo de Comprometimento de Orientação

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA II**

TERMO DE COMPROMETIMENTO

Eu, *IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA*, comprometo-me a orientar o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado Impactos da Pandemia da COVID-19 nas aulas coletivas dos professores de dança autônomos de João Pessoa-PB, da aluna *GIULLIA ELIZABETH SANTOS DE LIMA MARQUES*, matrícula 20200142630, regularmente matriculado na disciplina Seminário de Monografia II, do Curso de Bacharelado em Educação Física.

João Pessoa, 04 de fevereiro de 2025.



Assinatura do orientador

E-mail do (a) orientador (a): caminhairaquitân@gmail.com

E-mail do (a) orientando (a): giullia.beth@gmail.com

5. Roteiro da Entrevista

1. Você é professor/professora de dança autônomo há quanto tempo? De qual ou quais modalidades?
2. Como funcionavam as suas aulas coletivas de dança antes da pandemia da COVID-19? (Detalhes sobre local, estrutura física, quantidade de alunos/alunas, perfil da turma e metodologia...)
3. Quais os impactos da pandemia nas aulas ministradas por você durante a pandemia?
4. Quais os desafios enfrentados e adaptações realizadas por você nas aulas de dança durante a pandemia?
5. Descreva as principais mudanças realizadas por você nas aulas de dança ministradas durante a pandemia da COVID-19.

6. Transcrições das Entrevistas

<https://docs.google.com/document/d/1UyyCx_CQ_8VNrfacZVQQinWy-TIWv3LquJXzlRiP1bM/edit?usp=sharing>

O documento possui 39 páginas, por essa razão, optou-se por disponibilizar um hiperlink que dá acesso ao conteúdo das transcrições das entrevistas realizadas.